

LÍNGUA PORTUGUESA:

1 Compreensão textual.

Interpretar exige raciocínio, discernimento e compreensão do mundo.

A interpretação de textos é de fundamental importância para o concurseiro. Você já se perguntou por quê? Há alguns anos, as provas de Português, nos principais vestibulares do país, traziam uma frase, e dela faziam-se as questões. Eram enunciados soltos, sem conexão, tão ridículos que lembravam muito aquelas frases das antigas cartilhas: "Ivo viu a uva". Os tempos são outros, e, dentro das modernas tendências do ensino de línguas, fica cada vez mais claro que o objetivo de ensinar as regras da gramática normativa é simplesmente o texto. Aprendem-se as regras do português culto, erudito, a fim de melhorar a qualidade do texto, seja oral, seja escrito.

Nesse sentido, todas as questões são extraídas de textos, escolhidos criteriosamente pelas bancas, em função da mensagem/conteúdo, em função da estrutura gramatical.

Dessa maneira, fica clara a importância do texto como objetivo último do aprendizado de língua.

Quais são os textos escolhidos?

Textos retirados de revistas e de jornais de circulação nacional têm a preferência. Portanto, o romance, a poesia e o conto são quase que exclusividade das provas de Literatura (que também trabalham interpretação, por evidente). Assim, seria interessante observar as características fundamentais desses produtos da imprensa.

Os Artigos

São os preferidos das bancas. Esses textos autorais trazem identificado o autor. Essas opiniões são de expressa responsabilidade de quem as escreveu - chamado aqui de articulista - e tratam de assunto da realidade objetiva, pautada pela imprensa.

Trata-se, em verdade, de texto argumentativo, no qual o autor/emissor terá como objetivo convencer o leitor/receptor. Nessa medida, é idêntico à redação escolar, tendo a mesma estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Exemplo de Artigo

Os seres humanos que viraram lingüça

Parece até uma conspiração para mostrar, numa dimensão inédita, os perigos da delinquência juvenil. Nem superamos ainda a comoção pelo assassinato do casal de namorados, somos tomados de assalto por mais uma selvageria que envolve um adolescente - dessas de filmes de terror inverossímeis. Na quinta-feira, Leonardo José Pereira morreu, baleado pela polícia, por participar de um dos mais perversos seqüestros de que se tem notícia ultimamente.

No prontuário de Leonardo na Febem, está o registro de posse ilegal de arma. Mas ele foi solto e enquadrado na condição de "liberdade assistida": ficaria na rua, longe da prisão, desde que se submetesse a programas oficiais para integrá-lo à sociedade.

Encontrou "assistência" não no poder público, mas numa quadrilha de seqüestradores que manteve refém por 53 dias um homem de 81 anos, alimentado a cada dois dias. Joaquim Ferreira Dias, a vítima, não teve o direito nem de usar o banheiro ou de tomar um simples banho, reduzido à condição de animal, vivendo em meio a fezes e urina.

A polícia chegou, na quinta-feira de madrugada, a um bairro da zona sul de São Paulo para libertar o refém, que tinha as mãos presas a um botijão de gás e os pés amarrados. Encontrou e eliminou Leonardo, segurança do cativo -que não teve direito à maioridade na vida.

Gilberto Dimenstein

Os Editoriais

Novamente, são opinativos, argumentativos e possuem aquela mesma estrutura. Todos os jornais e revistas têm esses editoriais. Os principais diários do país produzem três textos desse gênero. Geralmente um deles tratará de política; outro, de economia; um outro, de temas internacionais. A diferença em relação ao artigo é que o autor, o editorialista, não expressa sua opinião, apenas serve de intermediário para revelar o ponto de vista da instituição, da empresa, do órgão de comunicação. Muitas vezes, esses editoriais são produzidos por mais de um profissional. O editorialista é, quase sempre, antigo na casa e, obviamente, da confiança do dono da empresa de comunicação. Os temas, por evidente, são a pauta do momento, os assuntos da semana.

As Notícias

Aqui temos outro gênero, bem diverso. As notícias são autorais, isto é, produzidas por um jornalista claramente identificado na matéria. Possuem uma estrutura bem fechada, na qual,

no primeiro parágrafo (também chamado de lide), o autor deve responder às cinco perguntinhas básicas do jornalismo: Quem? Quando? Onde? Como? E por quê?

Essa maneira de fazer texto atende a uma regra do jornalismo moderno: facilitar a leitura. Se o leitor/receptor desejar mais informações sobre a notícia, que vá adiante no texto. Fato é que, lendo apenas o parágrafo inicial, terá as informações básicas do assunto. A grande diferença em relação ao artigo e ao editorial está no objetivo. O autor quer apenas "passar" a informação, quer dizer, não busca convencer o leitor/receptor de nada. É aquele texto que os jornalistas chamam de objetivo ou isento, despidido de subjetividade e de intencionalidade.

Exemplo de Notícia

REUTERS - 19.02.2008 08:02

Bush quer transição democrática com saída de Fidel

KIGALI, Ruanda (Reuters) - O presidente norte-americano, George W. Bush, afirmou nesta terça-feira que espera que a aposentadoria do líder cubano Fidel Castro marque o início de uma transição democrática na ilha caribenha.

"Eu acredito que a mudança com Fidel Castro deve marcar o começo de um período de transição democrática", disse Bush em entrevista coletiva à imprensa, realizada em Ruanda -- o país integra o roteiro de sua visita a cinco países africanos.

Fidel, 81, anunciou que não vai retornar à liderança do país como presidente, aposentando-se como chefe de Estado 49 anos depois de ter tomado o poder em uma revolução armada.

(Por Tabassum Zakaria)

As Crônicas

Estamos diante da Literatura. Os cronistas não possuem compromisso com a realidade objetiva. Eles retratam a realidade subjetiva. Dessa maneira, Rubem Braga, cronista, jornalista, produziu, por exemplo, um texto abordando a flor que nasceu no seu jardim. Não importa o mundo com suas tragédias constantes, mas sim o universo interior do cronista, que nada mais é do que um fotógrafo de sua cidade. É interessante verificar que essas características fundamentais da crônica vão desaparecendo com o tempo. Não há, por exemplo, um cronista de Porto Alegre (talvez o último deles tenha sido Sérgio da Costa Franco).

Se observarmos o jornal Folha de S. Paulo, teremos, junto aos editoriais e a dois artigos sobre política ou economia, uma crônica de Carlos Heitor Cony, descolada da realidade, se assim lhe aprouver (Cony, muitas vezes, produz artigos, discutindo algo da realidade objetiva). O jornal busca, dessa maneira, arejar essa página tão sisuda. A crônica é isso: uma janela aberta ao mar. Vale lembrar que o jornalismo, ao seu início, era confundido

com Literatura. Um texto sobre um assassinato, por exemplo, poderia começar assim: "Chovia muito, e raios luminosos atiravam-se à terra. Num desses clarões, uma faca surge das trevas..." Dá-se o nome de nariz de cera a essas matérias empoladas, muito comuns nos tempos heróicos do jornalismo.

Sobre a crônica, há alguns dados interessantes. Considerada por muito tempo como gênero menor da Literatura, nunca teve status ou maiores reconhecimentos por parte da crítica. Muitos autores famosos, romancistas, contistas ou poetas, produziram excelentes crônicas, mas não são conhecidos por isso. Carlos Drummond de Andrade é um belo exemplo. Pela grandeza de sua poesia, o grande cronista do cotidiano do Rio de Janeiro foi abafado. O mesmo pode-se falar de Olavo Bilac, que, no início do século passado, passou a produzir crônicas num jornal carioca, em substituição a outro grande escritor, Machado de Assis.

Essa divisão dos textos da imprensa é didática e objetiva esclarecer um pouco mais o vestibulando. No entanto, é importante assinalar que os autores modernos fundem essa divisão, fazendo um trabalho misto. É o caso de Luis Fernando Veríssimo, que ora trabalha uma crônica, com os personagens conversando em um bar, terminando por um artigo, no qual faz críticas ao poder central, por exemplo. Martha Medeiros, por seu turno, produz, muitas vezes, um artigo, revelando a alma feminina. Em outros momentos, faz uma crônica sobre o cotidiano.

Exemplo de Crônica

A luta e a lição

Um brasileiro de 38 anos, Vítor Negrete, morreu no Tibete após escalar pela segunda vez o ponto culminante do planeta, o monte Everest. Da primeira, usou o reforço de um cilindro de oxigênio para suportar a altura. Na segunda (e última), dispensou o cilindro, devido ao seu estado geral, que era considerado ótimo.

As façanhas dele me emocionaram, a bem sucedida e a malograda. Aqui do meu canto, temendo e tremendo toda a vez que viajo no bondinho do Pão de Açúcar, fico meditando sobre os motivos que levam alguns heróis a se superarem. Vítor já havia vencido o cume mais alto do mundo. Quis provar mais, fazendo a escalada sem a ajuda do oxigênio suplementar. O que leva um ser humano bem sucedido a vencer desafios assim?

Ora, dirão os entendidos, é assim que caminha a humanidade. Se cada um repetisse meu exemplo, ficando solidamente instalado no chão, sem tentar a aventura, ainda estaríamos nas cavernas, lascando o fogo com pedras, comendo animais crus e puxando nossas mulheres pelos cabelos, como os trogloditas --se é que os trogloditas faziam isso. Somos o que somos hoje devido a heróis que trocam a vida pelo risco. Bem verdade que escalar montanhas, em si, não traz nada de prático ao resto da humanidade que prefere ficar na cômoda planície da segurança.

Mas o que há de louvável (e lamentável) na aventura de Vítor Negrete é a aspiração de ir mais longe, de superar marcas, de ir mais alto, desafiando os riscos. Não sei até que ponto ele foi temerário ao recusar o oxigênio suplementar. Mas seu exemplo --e seu sacrifício-- é uma lição de luta, mesmo sendo uma luta perdida.

(Carlos Heitor Cony, Folha de S. Paulo)

A interpretação serve para Química!

Responda rápido a uma pergunta: O que há em comum entre os vestibulandos aprovados nos primeiros lugares? Será que possuem semelhanças? Sim, de fato, o que os identifica é a leitura e a curiosidade pelo mundo que os cerca. Eles lêem bastante, e lêem de tudo um pouco. As instituições de ensino superior não querem mais aquele aluno que decora regrinhas. Elas buscam o cidadão que possui leitura e conhecimento de mundo. Nesse aspecto, as questões, inclusive das provas de exatas, muitas vezes pedem criticidade e compreensão de enunciados. Quantas vezes você, caro vestibulando, não errou uma questão de Física ou de Biologia por não entender o que foi pedido. Pois estamos falando de interpretação de textos. A leitura e a interpretação tornam-se, dessa maneira, exigência de todas as disciplinas. E não pense que essa capacidade crítica de entender o texto escrito (e até falado) é exclusividade do vestibular. Quando você for buscar uma vaga no mercado de trabalho, a criticidade, a capacidade de comunicação e de compreensão do mundo serão atributos importantes nessa concorrência. Lembre-se disso na hora de planejar os estudos para os próximos vestibulares.

Instruções Gerais

Em primeiro lugar, você deve ter em mente que interpretação de textos em testes de múltipla escolha pressupõe armadilhas da banca. Isso significa dizer que as questões são montadas de modo a induzir o incauto e sofrido vestibulando ao erro. Nesse sentido, é importante observar os comandos da questão (de acordo com o texto, conforme o texto, segundo o autor...). Se forem esses os comandos, você deve-se limitar à realidade do texto. Muitas vezes, as alternativas extrapolam as verdades do texto; ou ainda diminuem essas mesmas verdades; ou fazem afirmações que nem de longe estão no texto.

Exemplo de Editorial

Difícilmente a Câmara dos Deputados conseguirá aprovar a curto prazo a Lei de Biossegurança que precisa votar por ter sido modificada no Senado.

É muito longa a pauta de projetos à espera de apreciação: além de outras importantes leis, há projetos de emendas constitucionais e uma série de medidas provisórias, que trancam a pauta.

Mas, com tudo isso, é importante que os deputados tenham consciência da necessidade de conceder aos cientistas brasileiros, o mais rapidamente possível, a liberdade de que eles necessitam para desenvolver pesquisas na área das células-tronco embrionárias.

Embora seja este um novo campo de investigação, já está fazendo surgir aplicações práticas concretas, que demonstram seu potencial curativo fantasticamente promissor.

Não é por outro motivo que os eleitores da Califórnia aprovaram a emenda 71, que destina US\$ 3 bilhões às pesquisas com células-tronco, causa defendida com veemência por seu governador, o mais do que conservador Arnold Schwarzenegger.

O caso chama a atenção porque o ex-ator, ao contrário de outros republicanos (como Ron Reagan, cujo pai sofria do mal de Alzheimer), não tem interesse pessoal no desenvolvimento de tratamentos médicos para doenças degenerativas hoje incuráveis.

Apenas o convívio com pessoas como o recentemente falecido Christopher Reeve, que ficou tetraplégico após um acidente, ou Michael J. Fox, que sofre do mal de Parkinson, parece ter sido suficiente para convencer Schwarzenegger de que é fundamental apoiar a pesquisa.

O projeto que retornou do Senado ainda inclui graves restrições à ciência, como a limitação das pesquisas às células de embriões congelados há pelo menos três anos nas clínicas de fertilização — embriões descartados que, com qualquer tempo de congelamento, vão acabar no lixo.

Também algum dia será preciso admitir a clonagem com fins terapêuticos, hoje vedada, e que é particularmente promissora.

Ainda assim, comparado com o projeto proibitivo que veio originalmente da Câmara, o novo texto da Lei de Biossegurança é um importante passo à frente. Merece ser apreciado com rapidez e aprovado pelos deputados.
(O Globo, 5/11)

Tipologia textual.

1. texto Literário: expressa a opinião pessoal do autor que também é transmitida através de figuras, impregnado de subjetivismo. Ex: um romance, um conto, uma poesia...

2. texto não-literário: preocupa-se em transmitir uma mensagem da forma mais clara e objetiva possível. Ex: uma notícia de jornal, uma bula de medicamento.

TEXTO LITERÁRIO	TEXTO NÃO-LITERÁRIO
Conotação Figurado, subjetivo Pessoal	Denotação Claro, objetivo Informativo

TIPOS DE COMPOSIÇÃO

1. Descrição: descrever é representar verbalmente um objeto, uma pessoa, um lugar, mediante a indicação de aspectos característicos, de pormenores individualizantes. Requer observação cuidadosa, para tornar aquilo que vai ser descrito um modelo inconfundível. Não se trata de enumerar uma série de elementos, mas de captar os traços capazes de transmitir uma impressão autêntica. Descrever é mais que apontar, é muito mais que fotografar. É pintar, é criar. Por isso, impõe-se o uso de palavras específicas, exatas.

2. Narração: é um relato organizado de acontecimentos reais ou imaginários. São seus elementos constitutivos: personagens, circunstâncias, ação; o seu núcleo é o incidente, o episódio, e o que a distingue da descrição é a presença de personagens atuantes, que estão quase sempre em conflito.

A Narração envolve:

I. Quem? Personagem;

II. Quê? Fatos, enredo;

III. Quando? A época em que ocorreram os acontecimentos;

IV. Onde? O lugar da ocorrência;

V. Como? O modo como se desenvolveram os acontecimentos;

VI. Por quê? A causa dos acontecimentos;

3. Dissertação: dissertar é apresentar idéias, analisá-las, é estabelecer um ponto de vista baseado em argumentos lógicos; é estabelecer relações de causa e efeito. Aqui não basta expor, narrar ou descrever, é necessário explanar e explicar. O raciocínio é que deve imperar neste tipo de composição, e quanto maior a fundamentação argumentativa, mais brilhante será o desempenho.

2. Ortografia.

A técnica de empregar a linguagem na forma de comunicação escrita é chamada de grafia.

O emprego da grafia correta é conhecido em nossa língua como ortografia.

A ortografia ainda empregada no Brasil é a do Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, 1943, que em 18 de dezembro de 1971, sofreu algumas alterações, no que tange às regras de acentuação gráfica das palavras.

Na ortografia estudam-se, entre outros pontos:

- alfabeto
- letras
- vocábulo homógrafos e homófonos
- acentuação gráfica
- emprego de algumas letras
- abreviaturas.

ALFABETO

O conjunto de letras empregadas na comunicação escrita de uma língua é chamado de alfabeto.

O alfabeto da língua portuguesa é composto de 23 (vinte e três) letras, cinco vogais e dezoito consoantes.

Letras que compõem o alfabeto e seus respectivos nomes: a (á), b (bê), c (cê), d (dê), e (é), f (efe), g (gê), h (agá), i (i), j (jota), l (ele), m (eme), n (ene), o (ó), p (pê), q (quê), r (erre), s (esse), t (tê), u (u), v (vê), x (xis), z (zê).

LETRAS

Enquanto os fonemas são unidades sonoras, as letras são sinais gráficos que representam os fonemas.

Quanto à forma, as letras podem ser: maiúsculas e minúsculas.

Observe: A, B, C, D, E

a, b, c, d, e

Quanto à natureza, as letras podem ser; vogais e consoantes.

Observe:

a, e, i, o, u --- vogais

b, c, d, f, g ... - consoantes

EMPREGO DAS LETRAS G e J

1) Escrevem-se com g: argila, agenda, gesto, giz, gengiva, girafa, gente, gesso, sargento, viagem, etc.

2) Usa-se a consoante j:

a) nos derivados de palavras terminadas em - ja:

- gorjeta, gorjeio, gorjear (e suas flexões) (de gorja = garganta)

- lojista, lojinha (de loja)

- lisonjeiro, lisonjear (de lisonja)

b) em todas as formas de conjugação dos verbos em - jar:

- arranjar, viajar, etc.

c) em palavras de origem ameríndia, africana ou popular: canjica, jeca, jequitibá, jerico, cafajeste, jibóia, pajé, Moji, etc.

d) nas seguintes palavras: jeito, ajeitar, desajeitado, injeção, jerimum, majestade, pajem, ajuíza, etc.

EMPREGO DO S

Muitas vezes o S é confundido com C, Ç ou X, mas mencionaremos apenas os casos em que mais frequentemente se erra no emprego:

1) nos seguintes monossílabos: ás (carta, aviador exímio), três, mês, rês, trás (prep.), gás (e seus derivados).

2) nos oxítonos: aliás, anis, Arnês, atrás, através, convés, freguês, país, retrós, revés (e seus derivados).

3) nos seguintes nomes próprios: Inês, Isabel, Luís, Resende, Teresa, Tomás, Luísa, etc.

4) nos adjetivos pátrios em -ês: francês, inglês, português, etc.

5) nos verbos em isar, derivados de palavras cujo radical termina em s: analisar, alisar, pesquisar, paralisar, avisar, etc.
exceção: catequese = catequizar.

6) nas formas dos verbos pôr, querer, usar e seus derivados: pus, pusesse, quis, quiser, repus, repuser, compus, compusesse, usasse, etc.

7) nas palavras: pretensão, salsicha, senso (juízo), misto, cansaço, descanso, ansioso, esplendor, turquesa, ânsia, etc.

EMPREGO DO Ç

Às vezes, o C e o Ç são confundidos com S ou SS.

Algumas palavras com C: acender (iluminar), acento (tom de voz), alicerce, cacique, cear, cebola, cê-cedilha, cédula, célula, censo (recenseamento), penicilina, etc.

Algumas palavras com Ç: aço (ferro temperado), açúcar, alçapão, almoço, caiçara, coação, maçom, mordança, ouriço, ruço (grisalho), traça, etc.

EMPREGO DO SS e RR

Duplicam-se o S e o R em dois casos:

- 1) quando intervocálicos, representam os sons simples do R e S iniciais: carro, ferro, pêssego, missão.
- 2) quando a um elemento de composição terminado em vogal, seguir, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas: derrogar, prerrogativa, prorrogação, pressentimento, madressilva, sacrossanto, dulcíssimo, etc.

EMPREGO DO SC

- 1) Elimina-se a letra S do dígrafo SC:
 - a) quando inicial: cena, cetro, ciência;
 - b) nos compostos formados em nossa língua: encenação, alvorecer, anticientífico.
- 2) Mantém-se o S:
 - a) em palavras compostas provindas do latim; consciência, cômico, acrescentar, prescindir, prosclínio.
 - b) no dígrafo medial SC de certas palavras de origem latina: nascer, crescer, descer, florescer, discípulos, ascensão, imprescindível, piscina, seiscentos, susceptível, etc.

EMPREGO DO Z

Emprega-se:

- 1) Nos derivados em zal, zinho, zito: cafezal, cafezeiro, cafezinho, irmãozinho.
- 2) Nos derivados de palavras de radical em Z: cruzeiro (de cruz), enraizar (de raiz).
- 3) Nos verbos formados com o sufixo IZAR: fertilizar, civilizar, e palavras corradicais: civilização.
- 4) Nos substantivos abstratos em EZA, derivados de adjetivos e denotando qualidade física ou moral: pobreza (de pobre), leveza (de leve).
- 5) Em várias outras palavras: azeite, azedo, cozinha, mezinha (remédio), bazar, proeza, buzina, etc.

EMPREGO DO CH

Algumas palavras com CH: bicho, bucha, broche, bochecha, boliche, cacho, chuchu, charque, chimarrão, charuto, chope, chumacho, churrasco, colchão, cachaça, cochicho, cochilo, deboche, encharcar, ficha, flecha, fantoche, salsicha, inchar, mochila, piche, prancha, penacho, guincho, etc.

EMPREGO DO X

- 1) Esta letra representa os seguintes sons:
 - a) CH: xarope, vexame.
 - b) CS: reflexo, tóxico.
 - c) Z: exame, exílio.
 - d) SS: auxílio, próximo.
 - e) S: sexta, texto.
- 2) Não soa nos grupos internos: “XCE” e “XCI”: exceção, exceder, excelente.
- 3) Escreve-se com X:
 - a) em geral, depois de ditongo: caixa, rouxinol, ameixa, frouxo.
 - b) geralmente, depois da sílaba inicial EN: enxame, enxada, enxugar.
 - c) em vocábulos de origem indígena ou africana: abacaxi, xavante, caxambu.
- 4) Note-se a presença desta consoante em: puxar, enxofre, lixa, mexer, mexerico, rixa, praxe, xadrez, xale, xingar, bexiga, xícara, Xá (soberano da Pérsia).

EMPREGO DA LETRA H

Esta letra não tem valor fonético no começo das palavras; conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita.

Emprega-se o H:

- 1) Inicial, quando etimológico: homem, hélice.
- 2) Medial, como integrante dos dígrafos CH, LH, NH: chave, telha, campainha.
- 3) Final, em certas interjeições: ah! ih!
- 4) Em compostos unidos por hífen no início do segundo elemento: sobre-humano.
- 5) No substantivo próprio Bahia (estado do Brasil).

EMPREGO DAS LETRAS K, W e Y

Usam-se apenas:

- 1) Em abreviaturas e como símbolos de termos científicos de uso internacional: Km (quilômetro), k (potássio), etc.
- 2) Na transcrição de palavras estrangeiras não aportuguesadas: Kart, smoking.
- 3) Em nomes próprios estrangeiros não aportuguesados e seus derivados: Kant, Wagner, Disneylândia.

S ou Z

I - SUFIXOS - ÊS e EZ:

- a) O sufixo ÊS forma adjetivos (às vezes substantivos) derivados de substantivos: cortês (de corte), chinês (de China), francês (de França).
- b) O sufixo EZ forma substantivos abstratos femininos, derivados de adjetivos: aridez (de árido), acidez (de ácido), estupidez (de estúpido).

II - SUFIXOS - ESA e EZA:

- a) Escreve-se - ESA (com S):
 - 1) nos seguintes substantivos derivados de verbos em ender: defesa (defender), despesa (despender).
 - 2) nos substantivos femininos designativos de títulos nobiliárquicos: baronesa, duquesa, marquesa, princesa, consulesa.
 - 3) nas formas femininas dos adjetivos em ÊS: burguesa (de burguês), freguesa (de freguês).
 - 4) nas seguintes palavras femininas: framboesa, indefesa, mesa.
- b) Escreve-se com EZA: substantivos abstratos como: tristeza, moleza, etc.

III - VERBOS EM ISAR e IZAR:

Escreve-se - ISAR (com S) quando o radical dos nomes correspondentes termina em S: avisar (aviso + ar).

Se o radical não terminar em S, grafa-se - IZAR (com Z): anarquizar (anarquia + izar).

3. Semântica

Semântica é o estudo do significado, isto é a ciência das significações, com os problemas suscitados sobre o significado: Tudo tem significado? Significado é imagem acústica, ou imagem visual? O homem sempre se preocupou com a origem das línguas e com a relação entre as palavras e as coisas que elas significam, se há uma ligação natural entre os nomes e as coisas nomeadas ou se essa associação é mero resultado de convenção. Nesse estudo consideram-se também as mudanças de sentido, a escolha de novas expressões, o nascimento e morte das locuções. A semântica como estudo das alterações de significado prende-se a Michel Bréal e a Gaston Paris. Um tratamento sincrônico descritivo dos fatos da linguagem e da visão da língua como estrutura e as novas teorias do símbolo datam do século. XX.

As formas lingüísticas são símbolos e valem pelo que significam. São ruídos bucais, mas ruídos significantes. É a constante referência mental de uma forma a determinado significado que a eleva a elemento de uma língua. Não há nenhuma relação entre o semantema (ou lexema ou morfema lexical – unidade léxica, que compõe o léxico) *cão* e um certo animal doméstico a não ser o *uso* que se faz desse semantema para referir-se a esse animal. Cada língua “recorta” o mundo objetivo a seu modo, o que Humboldt chama “visão do mundo”. Registre-se a existência da linguagem figurada, a metáfora, uso de uma palavra por outra, subjazendo à segunda a significação da primeira. Há que se levar em conta a denotação (significado mais restrito) e a conotação (halo de emoção envolvendo o semantema – casa / lar).

O estudo dos semantemas é difícil, pois são em número infinito e sua significação fluída, sujeita às variações sincrônica, sintópica etc. A polissemia faz da significação dos semantemas um conglomerado de elementos e não um elemento único: ele *anda* a passos largos / *anda* de carro / *anda* doente. Quanto à significação interna dos morfemas, (ou gramema ou morfema gramatical) ela se distribui nas categorias gramaticais que enquadram um dado semantema numa gama de categoria – gênero, número etc – para maior economia da linguagem.

Os elementos lexicais que fazem parte do acervo do falante de uma língua podem ser:

- simples – cavalo
- compostos – cavalo-marinho
- complexos – a olhos vistos, briga de foice no escuro (são sintagmáticos)
- textuais – orações, pragas, hinos (são pragmáticos, não entram nos dicionários de língua, a não ser por comodidade. O conceito de *gato* não está contido em "à noite todos os gatos são pardos")

Nem todo lexema é, portanto, uma palavra, às vezes é um conjunto, em geral idiomático: *favas contadas*, *nabos em saco* etc. Nesse caso, falamos em *sentido figurado*, oposto a *sentido literal*.

Nas alterações sofridas nas relações entre as palavras estão as chamadas figuras de retórica clássica:

1) Metáfora – comparação abreviada

2) Metonímia – transferência do nome de um objeto a outro, com o qual guarda alguma relação de:

- autor pela obra – Ler Machado de Assis
- agente pelo objeto – Comprar um Portinari
- causa pelo efeito – Viver do seu trabalho
- continente pelo conteúdo – Comeu dois pratos
- local pelo produto – Fumar um havana

etc

3) Sinédoque (para alguns é caso de metonímia)

– parte pelo todo – Completar 15 primaveras

– singular pelo plural – O português chegou à América em 1500

4) Catacrese – extensão do sentido de uma palavra a objetos ou ações que não possuem denominação própria – *embarcar* no ônibus; o *pé* da mesa

No levantamento da tipologia das relações entre as palavras assinalam-se ainda os fenômenos da sinonímia, antonímia, homonímia, polissemia e hiponímia. Os sinônimos se dizem completos, quando são intercambiáveis no contexto em questão. São perfeitos quando intercambiáveis em todos os contextos, o que é muito raro, a não ser em termos técnicos.

Por exemplo, em: *casamento, matrimônio, enlace, bodas, consórcio*, há um fundo comum, um "núcleo"; os empregos são diferentes, porém próximos. Nem todas as palavras aceitam sinônimos ou antônimos. A escolha entre séries sinonímicas é, às vezes, regional. (Ex: pandorga, papagaio, pipa). Quanto à homonímia, pode ocorrer coincidência fônica e/ou gráfica. A coincidência de grafemas e fonemas pode decorrer de convergência de formas (Ex: são – verbo ser, sinônimo de sadio, forma variante de santo derivando respectivamente de *sunt, sanum, sanctum*). Ou é resultado de existência coincidente do mesmo vocábulo em línguas diferentes (Ex: manga – parte da roupa ou fruto, provindo, respectivamente do Latim e do Malaio).

Cumprir distinguir homonímia de polissemia, o que nem sempre é fácil. A distinção pode ser:

– descritiva – considerando ser a palavra um feixe de semas, se entre duas palavras com a mesma forma, houver um sema comum, diz-se ser um caso de polissemia (Ex: coroa – adorno para a cabeça ou trabalho dentário). Em caso contrário, será homonímia (Ex pena – sofrimento ou revestimento do corpo das aves) .

– diacrônica – se as palavras provém do mesmo léxico, diz-se ocorrer um caso de polissemia;(Ex: cabo – acidente geográfico e fim de alguma coisa) No contrário, ocorrerá um caso de convergência de formas (Ex: canto – verbo cantar e ângulo).

O estudo da homonímia e da polissemia envolve, portanto, o problema de significação, principalmente universal, e de significação, marginalmente ocasional. Quando a mesma forma fônica cobre significações diferentes, embora correlatas, tem-se a polissemia; quando cobre significações completamente diferentes, tem-se a homonímia. A polissemia envolve matizes emocionais, é determinada pelo contexto; constitui, às vezes,

linguagem figurada e linguagem literária. A tarefa do ouvinte é fazer uma seleção entre as significações alternativas, por meio do contexto em que se acha o signo. Diz-se serem os homônimos lexemas iguais e palavras diferentes, isto é, com conteúdo semântico diferente. Como os lexemas também podem se apresentar com mais de uma forma, a descrição de homonímia precisa ser refinada para se distinguir homonímia parcial de homonímia total, considerando-se aqui a não coincidência entre língua escrita e falada.

Já a polissemia só ocorre com lexemas simples. É, por vezes, difícil distingui-la de homonímia. Um dos critérios é o etimológico, não relevante na linguagem estrutural. O principal, aqui, é haver relação entre significados. Permanece o problema do dicionário: deve haver uma ou mais de uma entrada lexical? Ex: pupila – parte do olho / menor de que se deve cuidar – têm a mesma etimologia. Mas deve-se considerar a relação sincrônica entre os Significados. O fato de a língua sofrer alterações dificulta o problema.

Quanto à sinonímia, os lexemas podem ser completamente sinônimos ou não, conforme sejam intercambiáveis em todos os contextos ou não. A sinonímia total é muito rara, só ocorre em termos científicos. A distinção é, por vezes, sutil, inclui o fator eufemismo. (vide anexo). Podemos dizer que um lexema se relaciona a outros pelo sentido e se relaciona com a realidade pela denotação. Sentido e denotação são interdependentes. Isomorfia total entre duas línguas é difícil, ocorre mais freqüentemente em empréstimos decorrentes de intercâmbios cultural (Ex. a palavra *camisa*, herdada pelos romanos aos iberos). A *análise componencial* coloca a tese de serem os lexemas de todas as línguas complexos de conceitos atomísticos universais como os fonemas são complexos de traços atomísticos universais (possivelmente). Assim o lexema *mulher* pode ser descrito pelos traços *adulto*, *feminino*, *humano*, em relação a *homem* que seria *adulto*, *não-feminino*, *humano*. Nem todo lexema é passível de análise componencial (a análise componencial ajuda a distinguir homonímia de polissemia).

Entre as relações pelo sentido, colocamos também a hiponímia e a antonímia. A antonímia inclui os casos de oposição de sentido (solteiro / casado; morto / vivo), ou, como dizem alguns autores, a *incompatibilidade* (vermelho / azul / branco seriam incompatíveis entre si).

As relações hiponímicas provêm do fato de um termo ser mais abrangente que outro: (Ex: flor > rosa, orquídea etc)

Um grande número de palavras aceita polissemia. Escapam os termos técnicos, palavras muito raras e palavras muito longas. O deslizar de sentido ocorre por muitas causas:

- interpretações analógicas – (Ex: mamão).
- transferência do adjetivo ao substantivo – (Ex: pêssego, burro).

– adaptação de palavras estrangeiras – (Ex: forró).

Na evolução semântica, as palavras ganham conotação pejorativa (tratante – que faz um trato), ou valorativa (ministro – que serve os alimentos); ampliam o significado (trabalho – instrumento de tortura), ou restringem (anjo – mensageiro).

Fontes de renovação do léxico em suas acepções, são as gírias (falares grupais), aí incluídos os jargões profissionais (*chutar*, no sentido de mentir; o doente *fez* uma hipoglicemia).

As siglas são outra fonte do léxico, dando até palavras derivadas (CLT → celetista).

O signo lingüístico quebra a convencionalidade no caso da derivação, que é um caso de motivação intra-lingüística e se prende à semântica gramatical (caju → cajueiro; pena de ave – pena de caneta) e no caso das onomatopéias (sibilar). Há estudiosos defendendo a idéia de que, originalmente, seria tudo onomatopéia.

As onomatopéias são iconográficas; na poesia exploram-se as virtualidades da representação natural. (“Um fino apito estrídulo sibila / rangem as rodas num arranco perro” *O trem de ferro* – Batista Rebelo)

Na chamada linguagem figurada há várias ocorrências: elipse (bife com fritas); similaridade (chapéu-coco); sinestesia (cor berrante); contigüidade (beber Champanhe); perda de motivação (átomo); eufemismo (vida-fácil). Por vezes, o eufemismo provém de um tabu lingüístico mal dos peitos, doença ruim, malino < maligno etc. Esses fenômenos são grupais, acabam por convencionalizar-se.

Toda criação de palavras repousa, portanto, em associações, sendo a língua uma estrutura. O valor de uma palavra se estabelece em relação a outras e em relação ao sistema, é o centro de uma constelação associativa; toda mudança em um conceito resulta em mudança nos conceitos vizinhos (mulher / senhora ; sopa *fria* / água *fria*)

Em resumo, a *significação lexical* é a significação, no sentido de uma noção apropriada, experimentada em conexão com o uso da palavra em causa. A *significação gramatical* está ligada aos morfemas, sem se desligar da significação léxica; refere-se às propriedades e relações dos signos verbais dados e às propriedades e relações dos objetos reais que são refletidos na linguagem e no pensamento: gênero, número etc. A significação sintática é, por assim dizer, uma extensão da significação gramatical – *lato-sensu*, diz-se que a significação dos morfemas é um elemento da significação sintática; na significação sintática sempre se acrescenta um elemento qualquer à significação léxica; isso provém dos morfemas, das regras da ordem das palavras e das palavras funcionais. Quando o quadro de

morfemas é pobre, a ordenação e as palavras auxiliares tornam-se importantes. Essas últimas são morfemas, tanto quanto os afixos, pois sempre aparecem em companhia das palavras *mais* lexicais e acrescentam algo à significação dessas (Ex. bater *no* / *com o* carro de Maria).

As significações lingüísticas consideram a significação interna ou gramatical referente aos morfemas e a semântica externa ou lexical, isto é, objetiva, referente aos semantemas. Pode ser diacrônica ou descritiva (como as línguas interpretam o mundo). A significação interna, como já se disse, distribui-se pelas categorias gramaticais para maior economia e eficiência da linguagem. A estrutura sintagmática é também relevante para o significado, donde poder-se falar em significado gramatical; esse depende da regência, da colocação e, até, de fatores como pausa, entonação que, na linguagem escrita são assinaladas, tanto quanto possível, pela pontuação. O significado da sentença não é portanto a soma do significado dos seus elementos lexicais, muito embora a relevância do significado de cada um deles.

O significado de uma sentença depende, portanto, do Significado dos seus lexemas constituintes e o Significado de alguns lexemas dependerá, por sua vez, da sentença em que aparece. Mas a estrutura da sentença é relevante para a determinação do Significado. Devemos, por conseguinte, considerar o Significado gramatical como componente para o Significado da sentença. Já o Significado do enunciado envolve o Significado de sentença, mas não se esgota nele. Depende de fatores contextuais. Há teorias afirmando que o Significado do enunciado extrapola a lingüística constituindo a *pragmática*.

É preciso considerar que as línguas possuem variadas funções. As proposições podem ser declarativas, imperativas, ou imperativas. As declarativas podem ser afirmativas ou negativas (falsas ou verdadeiras). Há, então, uma grande divisão entre Significado descritivo e não-descritivo. (Ex. João levanta tarde (! ? ...)) dependendo da entonação, será uma informação ou uma exteriorização de sentimentos). No significado não-descritivo inclui-se o significado *social*, quando este visa a manter ou estabelecer papéis sociais. Numa visão mais ampla podemos aí incluir das formas ritualizadas (cumprimentos, brindes etc) até os enunciados científicos que tem por objetivo fazer adeptos e influenciar comportamentos. O que é dito e o modo de dizer dependem das relações sociais entre os interlocutores. Quanto aos lexemas, há que se considerar que eles tanto transportam conteúdo sêmico (do Significado), quanto informações gramaticais expressas nas desinências e nos determinantes e nas funções que expressam na sentença. Há informações portanto, mórficas e sintáticas, apontadas já no dicionário. (p. ex. *subst. fem.*, *v. trans.* etc).

O conceito de *semântica gramatical* se torna claro ao compararmos: *O menino mordeu o cachorro* / *O cachorro mordeu o menino*. Há também, a considerar, as variações estilísticas: o emprego do condicional é mais gentil que o presente do indicativo.

Consideremos, ainda, o fato de existirem, nas línguas naturais, sentenças com:

– pressuposição – Quanto tempo ele ficou em Brasília? – supõe: Ele foi a Brasília.

– implicação – Muitos estudantes não foram capazes de responder à pergunta. – implica: – Só alguns estudantes responderam.

A compreensão dos significados das sentenças envolve os elementos lexicais isolados e o modo como eles se relacionam. A análise do significado das palavras requer o uso de regras semânticas. *Menino* implica *macho*, *jovem*, *humano*: são os traços pertinentes ou componentes semânticos, que se apontam na análise componencial. O significado da palavra é um complexo de componentes semânticos ligados por constantes lógicas. X bate em Y – implica – Y apanha de X; Caso Paulo venha, Pedro partirá. – implica – Caso Paulo não venha, Pedro não partirá. Pedro continua a beber – pressupõe – Pedro bebia antes. A pressuposição com a frase negativa continua a mesma: Pedro não toma bebida alcoólica – pressupõe – Pedro não gosta, ou está proibido pelo médico, ou por autoridade religiosa, de tomar bebida alcoólica.

Enfim, o sentido das palavras não é transcendental nem produzido pelo contexto; é a resultante de contextos já produzidos. A relação entre significante e significado é flutuante, está sempre em aberto. Disso resultam os problemas lexicográficos. Mesmo aqui, usamos termos como palavra, vocábulo e outros sobre cujas acepções divergem os estudiosos, muito embora o seu fundo comum, do qual temos, inclusive os leigos, um conhecimento intuitivo.

Como dissemos, para alguns autores, o significado do enunciado extrapola o âmbito da Lingüística, entrando no terreno da Pragmática. Essa ciência pode, em brevíssimas palavras, ser definida como “relações da linguagem com seus usuários.” Ou por outra, exame dos discursos formadores *da* e formados *pela* visão do mundo. Sendo a língua uma abstração, um agregado de dialetos, de socioletos, de idioletos, é a fala que tem existência real, merecedora de atenção por parte de todos que se interessam pelos fenômenos da linguagem. Quando se fala, faz-se mais que trocar informações. A fala é cooperação, mas é também conflito, persuasão, negociação. Todo ato de fala se realiza em determinadas condições psicológicas, dentro de um contexto sociocultural que, mais ou menos, as controlam. Para a real ocorrência, com sucesso, de um ato de fala são imprescindíveis os chamados fatores de textualidade:

FATORES LINGÜÍSTICOS	FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS
Coesão	Intencionalidade
Coerência	Aceitabilidade

Intertextualidade	Informatividade
	Situacionalidade

Esses fatores residem em competências do falante e do ouvinte, em um pacto social que começa no compartilhamento do mesmo idioma e que transforma a linguagem em discurso. Para AUSTIN dizer é sempre *fazer*. Além do simples fenômeno de emissão de sons bucais dotados de significação clara e permanente, coesos e coerentes, há necessidade de se situar a emissão, aceitar o emissor, perceber-lhe a intenção (ou, ao menos, a intenção frontal) para que ocorra a informação. Desse modo, podem os atos de fala, por si, mudar uma situação. Por exemplo, quando o juiz afirma ao casal de noivos – Eu os declaro marido e mulher – essas pessoas passam da condição de solteiros para a de casados. Muitos exemplos podem ser apresentados, inclusive o inicial de todos eles e de tudo mais– “Faça-se a luz” . As religiões, inclusive em suas cosmogonias, atribuem valor aos atos de fala, com recomendações de que sejam seguidos à risca para que surtam efeito.

Nos atos declarativos, há que se distinguir entre locutor e enunciador. Locutor será o autor das palavras, o que diz; enunciador será o indivíduo a quem o locutor atribui a responsabilidade do foi dito. Por exemplo, no enunciado “O homem teria chegado ao Brasil há 45.800 anos” [1] o locutor é o jornalista que redige a notícia e o enunciador a arqueóloga que faz a afirmação. O uso do Futuro do Pretérito, muito usado no discurso jornalístico, exime o jornalista da responsabilidade quanto à veracidade das palavras.

A essa superposição de falas dá-se o nome de polifonia. O locutor dá voz a um ou vários enunciadores, cujos discursos ele difunde, organizando-os e não deixando de manifestar a própria posição. Se o enunciador não é reconhecido pelo ouvinte (caso das citações muito repetidas – “Penso, logo existo”) esse fato não impede a comunicação, logo não impede o sucesso do ato de fala.

O mesmo se pode dizer da ironia, da hipérbole, que, mesmo quando não de imediato percebidas, de alguma forma atingem os objetivos do falante.

Outra situação remarcável é dos tropos: desvio de um sentido literal, primitivo a um sentido implícito. O brasileiro, tido como povo afável, é farto em tropos:

– Você pode me emprestar a caneta? – por– Emprésteme a caneta.

– Não está um pouco tarde? Não vá perder seu ônibus (para a visita) – por – Você está me cansando com sua permanência.

– Diga boa-noite a seus irmãozinhos. (a mãe para o filho de poucas semanas) – por – Vão se deitar. (para os filhos mais velhos).

A Pragmática é observável em todos os contextos. Porém , em algumas situações, torna-se mais evidente o trato da linguagem como instrumento de manipulação. É o que acontece nos discursos político, pedagógico, religioso e até no discurso amoroso. Em todos esses casos, há uma base afirmativa que, manipulada , serve aos objetivos do emissor. A diferença está no grau de consciência quanto aos recursos utilizados para o convencimento. A linguagem publicitária prima na utilização desses recursos para mudar ou manter a opinião do público-alvo.

Como um estranho não tem autoridade para mandar, a publicidade adota técnicas variadas:

Fazer-agir: Beba Coca-Cola!

Fazer-crer; Só Omo lava mais branco!

Fazer-buscar prazer: Se um desconhecido oferecer flores, isto é Impulse!

A mensagem publicitária, utilizando a moderna tecnologia, promete, abundância, progresso, lazer, beleza, juventude. Ao contrário das catástrofes noticiadas nos jornais, a publicidade fala de um mundo bonito e prazeroso. Esse prazer está associado ao uso de determinado objeto, criando a linguagem da marca, o ícone do produto. Possuir certos objetos passa a ser sinônimo de felicidade. Se na linguagem do cotidiano muito pouco se usam as ordens, preferindo formas eufemísticas (faça o favor de entrar), a publicidade pode ser mais direta: – Abuse e use C & A!.

A publicidade diz e, também, sugere sem dizer explicitamente. Usa recursos estilísticos:

1) Fonéticos: onomatopéias, aliteraões etc.

2) Léxico-semânticos: criação de termos novos, novos significados, clichês, duplo sentido etc.

3) Morfossintáticos: grafias inusitadas, flexões novas, sintaxe não linear etc.

– A ERICSSON FEZ UM TELEFONE COM TUDO EM CIMA!

– DIET-COKE TRAZ O PRAZER DE VIVER EM FORMA!

– AINDA NÃO INVENTARAM UM PASSE BEM MELHOR QUE PASSE BEM.[2]

O discurso publicitário cumpre seu papel por três vias:

1– psicológica – a eficácia do jogo de palavras resulta do fato de que esse jogo causa prazer, quando de sua decifração; é erótico, no sentido psicanalítico do termo;

2– antropológica – parte da proclamação de que o consumidor é irracional; reaviva arquétipos, ocultos, mas fundamentais;

3– sociológica – não se dirigindo a ninguém em particular, passa a impressão de que se dirige a cada um de nós, identificando-nos como membros de uma *polis*;

No domínio dessa linguagem, parece dizer-se sempre uma só coisa, utilizando-se o já utilizado, vendendo ilusão para vender produtos e serviços.

De tudo, parece válido concluir ser a linguagem uma variável com participação fundamental nos processos de convivência com a realidade física e social, além de sua importância na maneira de organizar as idéias sobre a realidade que nos rodeia. Sendo assim, a linguagem nunca se esgota em simples instrumento de referência ao mundo externo. Ao falarmos, manifestamos a nossa perspectiva, nossa avaliação do conteúdo do *dito*. Essa posição é resultado da soma de nossas experiências, de nossa própria ideologia, desaguando num discurso que, de modo algum pode ser simples e objetiva descrição da realidade. Todo discurso quer converter a uma ideologia e essa ideologia será, evidentemente, a ideologia do falante. Uma linguagem que vise, apenas, a reproduzir as próprias coisas esgota seu poder de informação a dados de fatos. Uma forma de expressão, se é produtiva, deve conter não só informações, como levantar procuras. O mesmo se pode dizer das artes visuais. Mesmo quando se dizem meramente representativas, na verdade, nunca o são. Sempre haverá a dimensão criativa.

A linguagem apenas prolonga a percepção e essa percepção sempre se mostrará dotada de uma dimensão produtiva.

4. Morfologia

Emprego das classes de palavras.

Na elaboração de um texto escrito, utilizamos palavras para exprimirem nossas idéias. De acordo com a idéia que expressam, as palavras são agrupadas, na nossa língua, em **dez classes**.

Vamos lembrá-las?

No quadro, visualizamos todas elas.

Classes de Palavras	
Variáveis	Invariáveis
Substantivo	Advérbio
Artigo	Conjunção
Adjetivo	Preposição
Numeral	Interjeição
Pronome	
Verbo	

Substantivo

Nomeia pessoa, lugar, coisa, qualidade, estado, ação, sentimento.

- *O relatório será encaminhado amanhã.*

Artigo

Precede e determina o substantivo.

- *Redigi o ofício.* (artigo definido)

- *Ela tem umas idéias ótimas.* (artigo indefinido)

Adjetivo

Qualifica e modifica o substantivo.

- *A atual situação do país é preocupante.* (os adjetivos "atual" e "preocupante" estão modificando o substantivo "situação")

Numeral

Encerra a idéia de quantidade ou posição numa série.

Os numerais podem ser : **cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.**

- Cardinais

São os números básicos, que indicam a quantidade.

*Entraram em licença apenas **três** empregados.*

- Ordinais

Indicam a posição numa série.

*Trabalho no **primeiro** andar.*

Veja algumas orientações que podem tirar essas dúvidas:

Na designação de papas, reis, séculos e partes de um livro, usam-se os ordinais até o **décimo** e, daí em diante, os cardinais.

- ☐ século V (quinto)
- ☐ Pedro II (segundo)
- ☐ capítulo VI (sexto)
- ☐ século XX (vinte)
- ☐ João XXIII (vinte e três)

Na numeração de artigos de leis, decretos, usam-se os ordinais até o nono e, daí por diante, os cardinais.

- ☐ artigo IV (quarto)
- ☐ artigo IX (nono)
- ☐ decreto X (dez)
- ☐ artigo XXI (vinte e um)

- Multiplicativos

Indicam o aumento proporcional da quantidade.

*Ele deu um salto **triplo**.*

- Fracionários

Indicam o número de partes.

*Ele chegará ao **meio-dia e meia**.*

Quando o numeral vem anteposto ao substantivo, emprega-se sempre o ordinal: **vigésimo primeiro século**

Muitas vezes na linguagem falada, ficamos a nos perguntar:

capítulo I - primeiro ou um?

artigo XX - vinte ou vigésimo?

Gramática Eletrônica

Pronome

Palavra que substitui ou acompanha o substantivo, determinando a extensão de seu significado.

Mais adiante, estudaremos mais detalhadamente a classificação do pronome.

☐ ☐ **Ele** não veio hoje.

☐ ☐ Aproveitarei bem **este** curso.

Verbo

Encerra a idéia de ação, estado, fenômeno natural, ocorrência, desejo.

O estudo de verbo será feito mais detalhadamente na lição 7.

☐ ☐ Durante a semana, não o **encontro**.

Advérbio

Modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio e exprime, entre outras, as seguintes circunstâncias:

- lugar (aqui, ali...);
- modo (bem, mal...);
- afirmação (sim...);
- negação (não...);
- dúvida (talvez...);
- inclusão (também).

☐ ☐ **Não** sairei **amanhã**.

(não - advérbio de negação; amanhã - advérbio de tempo)

Preposição

Liga palavras entre si: **de, para, por, a, em, entre, sem, sob, sobre, até, com.**

Interjeição

Exprime manifestações súbitas, repentinas, momentâneas do nosso íntimo.

Ai! Oh!

Conjunção

Liga orações ou termos entre si.

As conjunções podem ser **coordenativas** e **subordinativas**.

Conjunções coordenativas - ligam termos e orações sintaticamente equivalentes.

Classificam-se em:

- **aditivas** - dão idéia de adição: **e, nem, mas também, mais ainda, senão, também, como também, bem como.**

- . *Levantei-me e expus minha opinião.*

- **adversativas** - exprimem contraste, oposição, ressalva, compensação: **mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, ao passo que, no entanto, apesar disso.**

. *Estava doente, **no entanto** foi trabalhar.*

- **alternativas** - exprimem alternância: **ou, ou... ou, ora... ora, já... já, seja... seja, quer... quer.**

. *A louca **ora** o acariciava, **ora** o renegava freneticamente.*

- **explicativas** - exprimem explicação, um motivo: **que, porque, porquanto, pois.** As conjunções explicativas aparecem normalmente depois de orações imperativas.

. *Fale mais alto, **porque** não estou ouvindo você.*

. *Venha, **pois** quero conversar com você.*

- **conclusivas** - expressam conclusão: **logo, portanto, por conseguinte, por isso, pois** (depois de verbo).

. *Trabalha muito, **logo** deve ganhar bem.*

- **Conjunções subordinativas** - ligam uma oração a outra, chamada principal, na qual desempenha função sintática.

Classificam-se em:

- **integrantes** - ligam orações substantivas: **que, se, como.**

. *Sonhei **que** o mundo havia acabado.*

- **causais** - exprimem causa: **porque, que, pois, como, visto que, desde que.**

. *Continuei o trabalho sozinho, **porque** ele adoeceu.*

- **comparativas** - **como, tal qual, assim como, que nem, como quanto.**

. *Talvez ninguém pense **como** nós pensamos.*

- **concessivas** - exprimem concessão: **embora, conquanto, ainda que, mesmo que, por mais que, por menos que, se bem que, posto que, nem que, dado que, sem que.**

. *Foi ao encontro **embora** estivesse atrasado.*

- **condicionais** - exprimem condição ou hipótese: **se, caso, desde que, salvo se, contanto que, a não ser que, a menos que, sem que.**

. *Não irei **sem que** ela me telefone.*

- **conformativas** - exprimem conformidade: **como, conforme, segundo, consoante.**

. *Cada um colhe **conforme** semeia.*

- **consecutivas** - exprimem consequência: **que** (precedido de termos intensivos: tal,tão, tanto, tamanho), **de sorte que, de modo que, de forma que, de maneira que, sem que.**

. *Ele fala tão alto **que** ninguém entende.*

Locuções conjuntivas - são conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em **que** : **visto que, desde que, ainda que, por mais que, à medida que, à proporção que.**

. *Estude **a fim de que** possa obter sucesso.*

É importante saber:

- ☐ ☐ As conjunções subordinativas integrantes introduzem as orações subordinadas substantivas.
- ☐ ☐ As demais conjunções subordinativas introduzem as orações subordinadas adverbiais.
- ☐ ☐ A classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu emprego nas frases.
- ☐ ☐ O estudo do valor das conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação no texto.
- ☐ ☐ No estudo da Sintaxe, pode-se melhor compreender as relações que as conjunções estabelecem no período.

Você pode imprimir suas atividades e comparar com as respostas apresentadas no final desta lição.

Praticando

Dê a classe gramatical das palavras em negrito do texto abaixo:

"Neste(1) mundo **há**(2) lugar para **todos**(3). A **boa**(4) **terra**(5) é rica e **pode**(6) oferecer alimento para **cada**(7) um **de**(8) **nós**(9). O **caminho**(10) da vida pode ser **livre**(11) e magnífico, **mas**(12) nós perdemos o caminho. A **voracidade**(13) envenenou a alma dos homens, apertou o mundo num círculo de ódio e obrigou-nos **a**(14) entrar a passos de ganso na miséria e no sangue. Aumentamos a velocidade, mas somos os seus escravos. A mecanização que produz a abundância **gerou**(15) o **desejo**.(16) A **nossa**(17) ciência tornou-nos(18) **cínicos**.(19) e a nossa inteligência fez-nos **duros**(20) e **mortais**(21)." (O Grande Ditador - Charles Chaplin)

Gramática Eletrônica

Confira suas respostas

- 1 - este - pronome (em_a + este - o "em" é preposição)
- 2 - há - verbo haver - 3 pessoa do singular
- 3 - todos - pronome
- 4 - boa - adjetivo

- 5 - terra - substantivo
- 6 - pode - verbo poder (está usado como auxiliar de oferecer)
- 7 - cada - pronome
- 8 - de - preposição
- 9 - nós - pronome
- 10 - caminho - substantivo
- 11 - livre - adjetivo
- 12 - mas - conjunção
- 13 - voracidade - substantivo
- 14 - a - preposição (exigência do verbo)
- 15 - gerou (verbo gerar)
- 16 - desejo - substantivo (o desejo)
- 17 - nossa - pronome
- 18 - nos - pronome
- 19 - cínicos - adjetivo
- 20 - duros - adjetivo
- 21 - mortais - adjetivo

5. Sintaxe

Análise sintática é uma técnica empregada no estudo da estrutura sintática de uma língua. Ela é útil quando se pretende:

1. *descrever* as estruturas sintáticas possíveis ou aceitáveis da língua; **ou**
2. *decompor* o texto em unidades sintáticas a fim de compreender a maneira pela qual os elementos sintáticos são organizados na sentença.

A compreensão dos vários mecanismos inerentes em uma língua é facilitada pelo procedimento analítico, através do qual buscam-se nas unidades menores (por exemplo, a sentença) as razões para certos fenômenos detectados nas unidades maiores (por exemplo, o texto). Dessa forma, a Gramática Normativa (aquela que prescreve as normas da língua culta) sempre se ocupou em decompor algumas unidades estruturais da língua para tornar didática a compreensão de certos fenômenos. No âmbito da **fonologia**, tem-se a *análise fonológica*, em que a estrutura sonora das palavras é decomposta em unidades mínimas do som (os *fonemas*); em **morfologia**, tem-se a *análise morfológica*, da qual se depreendem das palavras as suas unidades mínimas dotadas de significado (os *morfemas*).

A **análise sintática** ocupa um lugar de destaque em muitas gramáticas da língua portuguesa, porque grande parte das normas do bem dizer e do bem escrever recaem sobre a estrutura sintática, isto é, sobre a **organização das palavras na sentença**. Para compreender o uso dos pronomes relativos, a colocação pronominal, as várias relações de concordância, por exemplo, é importante, antes, promover uma análise adequada da sintaxe apresentada pela sentença em questão. Nenhuma regra de conduta da língua culta tem sentido sem uma análise sintática da sentença que se estuda. Por isso, antes que se aplique qualquer norma gramatical é preciso compreender de que forma os elementos sintáticos estão dispostos naquela sentença especial. Isso se dá porque os elementos sintáticos também **não são fixos na língua**. Por exemplo: uma palavra pode funcionar como sujeito em uma sentença e, em outra, funcionar como agente da passiva. Somente a análise sintática poderá determinar esse comportamento específico das palavras no contexto da sentença.

Sendo a análise sintática uma aplicação estritamente voltada para a sentença, parte-se dessa unidade maior para alcançar os seus constituintes - os sintagmas - que, por sua vez, são rotulados através das categorias sintáticas. Como se vê, é um exercício de **decomposição da sentença**. Vejamos um exemplo de análise sintática:

Teu pai quer que você estuda antes de brincar.

...[há três orações]

...[1ª oração: *teu pai quer* = oração principal]

...[na 1ª oração: sintagma nominal = *teu pai*; sintagma verbal = *quer*]

...[sintagma verbal da 1ª oração: formado por um verbo *modal*]

...[2ª oração: *que você estuda* = oração subordinada objetiva direta]

...[na 2ª oração: sintagma nominal = *você*; sintagma verbal = *estuda*]

...[2ª oração: introduzida pelo pronome relativo *que*]

...[3ª oração: *antes de brincar* = oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo]

...[sintagma adverbial: locução adverbial de tempo: *antes de*]

...[sintagma verbal: *brincar*]

Através da análise que desenvolvemos pudemos depreender as várias unidades menores do período, isto é, as três orações (ou sentenças), e, além disso, identificamos as funções dos elementos sintáticos presentes em cada oração (tipo de verbo, qualidade do pronome, tipos de sintagmas, tipo de advérbio). A partir desses resultados é possível verificar um problema de concordância verbal existente na segunda oração. Trata-se da norma gramatical que nos informa o seguinte: "se houver uma oração subordinada objetiva direta introduzida pelo pronome *que* e, se essa oração complementa um verbo modal, então o verbo dessa oração subordinada deve estar no *modo subjuntivo*". Pela análise sintática vemos que esse é o caso do nosso período. Assim, conseguimos compreender a necessidade de alteração da forma verbal, derivando a sentença abaixo.

Teu pai quer que você **estude** antes de brincar.

Para promovermos essa análise, enfim, foi exigido que conhecêssemos alguns elementos fundamentais da sintaxe:

o período

a frase

a oração

os termos das orações

A análise sintática, assim como as outras referentes à língua, é um exercício muito próximo da matemática, pois envolve um **raciocínio lógico** do tipo: "se você encontrar tal elemento, então admita que esse elemento é um objeto tal". Promover esse tipo de raciocínio no estudo das sentenças é desenvolver uma **análise formal**, porque as categorias sintáticas são formas que não dependem do conteúdo que expressam. Em outros níveis de análise - a *análise semântica*, a *análise discursiva* e *análise estilística* - esse tipo de raciocínio lógico é bastante complicado, porque envolve elementos cuja

representação e estrutura não são fixas. Em todo caso, grande parte das correções gramaticais se aplica ao nível de adequação sintática do texto, por isso a chamada **revisão gramatical**.

Período é a unidade lingüística composta por uma *ou mais* orações. Tem como características básicas:

1. a apresentação de um sentido ou significado completo
2. encerrar-se por meio de certos símbolos de pontuação.

Uma das propriedades da língua é expressar *enunciados articulados*. Essa articulação é evidenciada internamente pela verificação de uma qualidade comunicativa das informações contidas no período. Isto é, um período é bem articulado quando revela informações de **sentido completo**, uma idéia acabada. Esse atributo pode ser exibido em termos de um período constituído por uma única oração - **período simples** – ou constituído por mais de uma oração – **período composto**.

Exemplos:

1. Sabrina tinha medo do brinquedo.

...[período simples]

2. Sabrina tinha medo do brinquedo, apesar de levá-lo consigo todo o tempo.

...[período composto]

Não há uma forma definida para a constituição de períodos, pois se trata de uma liberdade do falante de elaborar seu discurso da maneira como quiser ou como julgar ser compreendido na situação discursiva. Porém a língua falada, mais freqüentemente, organiza-se em *períodos simples*, ao passo que a língua escrita costuma apresentar maior elaboração sintática, o que faz notarmos a presença maior de *períodos compostos*. Um dos aspectos mais notáveis dessa complexidade sintática nos períodos compostos é o uso dos vários recursos de **coesão**. Isso pode ser visualizado no exercício de transformação de alguns períodos simples em período composto fazendo uso dos chamados conectivos (elementos lingüísticos que marcam a coesão textual).

Exemplo:

1. *Eu tenho um gatinho muito preguiçoso. Todo dia ele procura a minha cama para dormir. Minha mãe não gosta do meu gatinho. Então, eu o escondo para a minha mãe não ver que ele está dormindo comigo.*

2. *Eu tenho um gatinho muito preguiçoso, que todo dia procura a minha cama para dormir. Como a minha mãe não gosta dele, eu o escondo e, assim, ela não vê que o gatinho está dormindo comigo.*

Notem que no exemplo (1) temos um parágrafo formado por quatro períodos. Já no exemplo (2) o parágrafo está organizado em apenas dois períodos. Isso é possível articulando as informações por meio de alguns conectivos (*que, como, assim*) e eliminando os elementos redundantes (*o gatinho, minha mãe = ele, ela*).

Finalmente, os períodos são definidos materialmente no registro escrito por meio de uma marca da **pontuação**, das quais se excluem a vírgula e o ponto-e-vírgula. O recurso da pontuação é uma forma de reproduzir na escrita uma longa pausa percebida na língua falada.

Frase é a menor unidade da comunicação lingüística. Tem como características básicas:

1. a apresentação de um sentido ou significado completo
2. ser acompanhada por uma *entonação*

Durante o uso cotidiano da língua, os falantes costumam produzir seus textos articulando enunciados. Esses enunciados, quando transmitem uma idéia acabada, isto é, um **sentido comunicativo completo**, se constituem na chamada **frase**. Não há um padrão definido de frase; contudo, podemos identificá-la em três tipos distintos de construção:

- a. **quando se compõe de apenas uma palavra.**

Exemplos:

1. Perigo!
2. Coragem!

- b. **quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais não se verifica a presença de verbo.**

Exemplos:

1. Que tempestade!
2. Quanta ingenuidade!

- c. **quando se compõe de mais de uma palavra, dentre as quais, um verbo ou locução verbal.**

Exemplos:

1. Infelizmente, *precisamos* seguir viagem! [**presença de verbo**]

2. A concorrência *deve determinar* a redução dos nossos preços. [**presença de locução verbal**]

A identificação de uma frase na situação de comunicação também se deve ao fato de que ela é um produto da **entonação**, ou seja, da melodia produzida na língua oral. Dessa forma, quando um falante constrói uma frase, ela só se realiza se houver marcas melódicas de início e fim do enunciado. Em geral, na fala essas pausas são expressadas através do silêncio; já no registro escrito as marcas de início são as iniciais maiúsculas das palavras e as marcas finais, os sinais de pontuação.

Exemplos:

1. Jonas!
2. Que vexame!
3. Acordei hoje com fortes dores de cabeça.

Observe-se que nos exemplos (1) e (2) os segmentos não apresentam verbos. No entanto, dada a entonação frasal, podemos extrair dessas construções um sentido comunicativo completo. O contexto da comunicação e a melodia empregada pelos falantes na produção do exemplo (1) são fundamentais para distingui-lo de uma simples palavra sem função comunicativa. Basta imaginarmos para isso um contexto em que alguém está chamando por uma pessoa cujo nome é "Jonas". Nesse caso, a frase (1) poderia expressar alguma coisa como "Ei, Jonas, estou lhe chamando."

Oração é um segmento lingüístico caracterizado basicamente:

1. pela presença obrigatória do verbo (ou locução verbal), e
2. pela propriedade de se tornar, ela mesma, um objeto de análise sintática

A maioria dos gramáticos da língua portuguesa costuma atribuir à oração uma qualidade discursiva bastante particular que é a de expressar um conteúdo informativo na forma de uma construção **dotada de verbo**. Independentemente de essa construção expressar um sentido acabado no discurso oral ou escrito, o verbo torna-se fundamental para caracterizar a oração; por isso, a determinação de que o verbo é o **núcleo** de uma oração. Vejamos alguns exemplos:

1. Gabriel **toca** sanfona maravilhosamente.

...[toca: verbo]

...[enunciado em forma de oração com sentido acabado]

2. portanto, **traz** felicidade.

...[traz: verbo]

...[enunciado em forma de oração sem sentido acabado]

Nesses dois exemplos observamos ora a expressão de um conteúdo comunicativo completo ora a ausência desse enunciado significativo. No entanto, em nenhum dos casos podemos notar a falta do verbo.

As orações são, além disso, construções que, por contarem com um esquema discursivo definido, podem ser analisadas sintaticamente. Isto é, existindo oração pressupõe-se também a existência de uma organização interna entre os seus elementos constituintes – os **termos da oração** – que se reúnem em torno do verbo. A esse tipo de exercício chamamos **análise sintática**, da qual a gramática da língua costuma abstrair as diversas classificações das orações.

É importante, portanto, conhecer outras particularidades das orações:

· termos da oração

Para os fins de análise ou, mais modernamente, no uso comum dos termos, costuma-se empregar equivocadamente a palavra **sentença** em lugar de oração e também de frase. Trata-se de uma tradução imperfeita da noção inglesa de período: no inglês o termo *phrase* refere-se em português a sintagma ; o termo *clause*, a "oração", e *sentence*, a "período".

Os termos da oração da língua portuguesa são classificados em três grandes níveis:

Termos essenciais da oração:

<u>sujeito</u>	<u>predicado</u>
----------------	------------------

Termos integrantes da oração

<u>complemento nominal</u> <hr/> <u>Logaritmos</u>	complementos verbais: <ul style="list-style-type: none">• <u>objeto direto</u>• <u>objeto indireto</u>• <u>predicativo do objeto</u>• <u>agente da passiva</u>
---	--

Termos acessórios da oração:

<u>adjunto adnominal</u>	<u>adjunto adverbial</u>
<u>aposto</u>	<u>vocativo</u>

Sujeito é um dos termos essenciais da oração. Tem por características básicas:

- estabelecer **concordância** com o núcleo do sintagma verbal
- apresentar-se como elemento determinante em relação ao predicado
- constituir-se de um substantivo, ou pronome substantivo ou, ainda, qualquer palavra substantivada

O sujeito só é considerado no âmbito da análise sintática, isto é, somente na organização da sentença é que uma palavra (ou um conjunto de palavras) pode constituir aquilo que chamamos **sujeito**. Nesse sentido, é equivocado dizer que o sujeito é *aquele que pratica uma ação* ou é *aquele (ou aquilo) do qual se diz alguma coisa*. Ao fazer tal afirmação estamos considerando o aspecto semântico do sujeito (agente de uma ação) ou o seu aspecto estilístico (o tópico da sentença). Já que o sujeito é depreendido de uma análise sintática, vamos restringir a definição apenas ao seu papel **sintático** na sentença: aquele que estabelece concordância com o **núcleo** do predicado. Quando se trata de predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo; sendo um predicado nominal, o núcleo é sempre um nome.

Exemplos:

1. **A padaria** está fechada hoje.

...[*está fechada hoje*: predicado nominal]

...[*fechada*: nome adjetivo = núcleo do predicado]

...[*fechada*: nome feminino singular]

...[*a padaria*: sujeito]

...[*núcleo do sujeito*: nome feminino singular]

2. **Nós** mentimos sobre nossa idade para você.

...[*mentimos sobre nossa idade para você*: predicado verbal]

...[*mentimos*: verbo = núcleo do predicado]

...[*mentimos*: primeira pessoa do plural]

...[*nós*: sujeito]

...[*sujeito*: primeira pessoa do plural]

A relação de concordância é, por excelência, uma relação de dependência, na qual dois (ou mais) elementos se harmonizam. Um desses elementos é chamado *determinado* (ou principal) e o outro, *determinante* (subordinado). No interior de uma sentença, o sujeito é o termo determinante, ao passo que o predicado é o termo determinado. Essa posição de determinante do sujeito em relação ao predicado adquire sentido com o fato de ser possível, na língua portuguesa, uma **sentença sem sujeito**, mas *nunca* uma sentença sem predicado.

Exemplos:

1. **As formigas** invadiram minha casa.

...[*as formigas*: sujeito = termo determinante]

...[*invadiram minha casa*: predicado = termo determinado]

2. Há formigas na minha casa.

...[*há formigas na minha casa*: predicado = termo determinado]

...[*sujeito*: inexistente]

O sujeito **sempre** se manifesta em termos de sintagma nominal, isto é, seu núcleo é sempre um nome. Quando esse nome se refere a objetos das primeira e segunda pessoas, o sujeito é representado por um pronome pessoal do caso reto (*eu, tu, ele*, etc.). Se o sujeito se refere a um objeto da terceira pessoa, sua representação pode ser feita através de um substantivo, de um pronome substantivo ou de qualquer conjunto de palavras, cujo núcleo funcione, na sentença, como um substantivo.

Exemplos:

1. **Eu** acompanho você até o guichê.

...[*eu*: sujeito = pronome pessoal de primeira pessoa]

2. **Vocês** disseram alguma coisa?

...[*vocês*: sujeito = pronome pessoal de segunda pessoa]

3. **Marcos** tem um fã-clubes no seu bairro.

...[Marcos: sujeito = substantivo próprio]

4. **Ninguém** entra na sala agora.

...[ninguém: sujeito = pronome substantivo]

5. **O andar** deve ser uma atividade diária.

...[o andar: sujeito = núcleo: verbo substantivado nessa oração]

Além dessas formas, o sujeito também pode se constituir de uma oração inteira. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração substantiva subjetiva:

É difícil optar por esse ou aquele doce...

...[*É difícil*: oração principal]

...[*optar por esse ou aquele doce*: oração subjetiva = sujeito oracional]

É importante conhecer outras particularidades do sujeito:

sujeito posposto

Predicado é um dos termos essenciais da oração. Tem por características básicas:

- apresentar-se como elemento determinado em relação ao sujeito
- apontar *um atributo* ou acrescentar *nova informação* ao sujeito

Assim como o sujeito, o **predicado** é um segmento extraído da estrutura interna das orações ou das frases, sendo, por isso, fruto de uma análise sintática. Isso implica dizer que a noção de **predicado** só é importante para a caracterização das palavras em termos sintáticos. Nesse sentido, o predicado é sintaticamente o segmento lingüístico que estabelece concordância com outro termo essencial da oração – o sujeito -, sendo este o *termo determinante* (ou subordinado) e o predicado o *termo determinado* (ou principal). Não se trata, portanto, de definir o predicado como "aquilo que se diz do sujeito" como fazem certas gramáticas da língua portuguesa, mas sim estabelecer a importância do fenômeno da concordância entre esses dois termos essenciais da oração.

Exemplos:

1. Carolina **conhece os índios da Amazônia**.

...[sujeito: *Carolina* = termo determinante]

...[predicado: *conhece os índios da Amazônia* = termo determinado]

...[*Carolina*: 3ª pessoa do singular = *conhece*: 3ª pessoa do singular]

2. Todos nós **fazemos parte da quadrilha de São João**.

...[sujeito: todos nós = termo determinante]

...[predicado: *fazemos parte da quadrilha de São João* = termo determinado]

...[*Todos nós*: 1ª pessoa do plural = *fazemos parte*: 1ª pessoa do plural]

Nesses exemplos podemos observar que a concordância é estabelecida entre algumas poucas palavras dos dois termos essenciais. Na frase (1), entre "Carolina" e "conhece"; na frase (2), entre "nós" e "fazemos". Isso se dá porque a concordância é centrada nas palavras que são núcleos, isto é, que são responsáveis pela principal informação naquele segmento. No predicado o núcleo pode ser de dois tipos: um nome, quase sempre um atributo que se refere ao sujeito da oração, ou um verbo (ou locução verbal). No primeiro caso, temos um **predicado nominal** e no segundo um **predicado verbal**. Quando, num mesmo segmento o nome e o verbo são de igual importância, ambos constituem o núcleo do predicado e resultam no tipo de **predicado verbo-nominal**.

Exemplos:

1. Minha empregada é **desastrada**.

...[predicado: *é desastrada*]

...[núcleo do predicado: *desastrada* = atributo do sujeito]

...[tipo de predicado: **nominal**]

2. A empreiteira **demoliu** nosso antigo prédio.

...[predicado: *demoliu nosso antigo prédio*]

...[núcleo do predicado: *demoliu* = nova informação sobre o sujeito]

...[tipo de predicado: **verbal**]

3. Os manifestantes **desciam** a rua **desesperados**.

...[predicado: *desciam a rua desesperados*]

...[núcleos do predicado: 1. *desciam* = nova informação sobre o sujeito; 2. *desesperados* = atributo do sujeito]

...[tipo de predicado: **verbo-nominal**]

Nos predicados verbais e verbo-nominais o verbo é responsável também por definir os tipos de elementos que aparecerão no segmento. Em alguns casos o verbo **sozinho** basta para compor o predicado (verbo intransitivo). Em outros casos é necessário um complemento que, **juntamente com o verbo**, constituem a nova informação sobre o sujeito. De qualquer forma, esses complementos do verbo não interferem na tipologia do predicado. São elementos que constituem os chamados termos integrantes da oração.

Dá-se o nome de **complemento nominal** ao termo que complementa o sentido de um nome ou um advérbio, conferindo-lhe uma significação completa ou, ao menos, mais específica.

Como o complemento nominal vem integrar-se ao nome em busca de uma significação extensa para nome ao qual se liga, ele compõe os chamados termos integrantes da oração.

São duas as principais características do complemento nominal:

- sempre seguem um nome, em geral abstrato;
- ligam-se ao nome por meio de preposição, sempre **obrigatória**.

Os complementos nominais podem ser formados por substantivo, pronome, numeral ou oração subordinada completiva nominal.

Exemplos:

1. Meus filhos têm loucura **por futebol**.

...[substantivo]

2. O sonho **dele** era saltar de pára-quedas.

...[pronome]

3. A vitória **de um** é a conquista de todos.

...[numeral]

4. O medo **de que lhe furtassem as jóias** a mantinha afastada daqui.

...[oração subordinada completiva nominal]

Em geral os nomes que exigem complementos nominais possuem formas correspondentes a verbos transitivos, pois ambos completam o sentido de outro termo. São exemplos dessa correlação:

- *obedecer* aos pais ~~obediência~~ aos pais

- *chegar* em casa → *chegada* em casa
- *entregar* a revista à amiga → *entrega* da revista à amiga
- *protestar* contra a opressão → *protesto* contra a opressão

Do ponto de vista da sintaxe, **objeto direto** é o termo que **completa o sentido** de um verbo transitivo direto, por isso, é complemento verbal, na grande maioria dos casos, **não preposicionado**. Do ponto de vista da semântica, o objeto direto é:

- o *resultado* da ação verbal, ou
- o ser *ao qual se dirige* a ação verbal, ou
- o *conteúdo* da ação verbal.

O **objeto direto** pode ser formado por um substantivo, pronome substantivo, ou mesmo qualquer palavra substantivada. Além disso, o objeto direto pode ser constituído por uma oração inteira que complementa o verbo transitivo direto da oração dita principal. Nesse caso, a oração recebe o nome de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Exemplos:

1. O amor de Mariana transformava **a minha vida**.

...[*transformava*: verbo transitivo direto]

...[*a minha vida*: objeto direto]

...[*núcleo*: vida = substantivo]

2. Conserve **isto** na tua memória: vou partir em breve.

...[*conserve*: verbo transitivo direto]

...[*isso*: objeto direto = pronome substantivo]

3. Não prometa **mais do que possa cumprir depois**.

...[*prometa*: verbo transitivo direto]

...[*mais do que possa cumprir depois*: oração subordinada substantiva objetiva direta]

Os objetos diretos são constituídos por nomes como núcleos do segmento. A noção de núcleo torna-se importante porque, num processo de substituição de um nome por um pronome deve-se procurar por um pronome de igual função gramatical do núcleo. No

exemplo (1) acima verificamos um conjunto de palavras formando o objeto direto (*a minha vida*), dentre as quais apenas uma é núcleo (*vida* = substantivo). Podemos transformar esse núcleo substantivo em objeto direto formado por pronome oblíquo, que é um tipo de pronome substantivo. Além disso, nesse processo de substituição, devemos ter claro que o pronome ocupará o lugar de todo o objeto direto e não só do núcleo do objeto. Vejamos um exemplo dessa representação:

O amor de Mariana transformava **a minha vida**.

O amor de Mariana **a** transformava.

Os pronomes oblíquos átonos (*me, te, o, a, se*, etc.) funcionam sintaticamente como objetos diretos. Isso implica dizer que somente podem figurar nessa função de objeto e não na função de sujeito, por exemplo. Porém algumas vezes os pronomes pessoais retos (*eu, tu, ele*, etc.) ou pronome oblíquo tônico (*mim, ti, ele*, etc.) são chamados a constituir o núcleo dos objetos diretos. Nesse caso, o uso da preposição se torna **obrigatório** e, por consequência, tem-se um objeto direto especial: *objeto direto preposicionado*.

Exemplos:

1. Ame **ele** que é teu irmão. [Inadequado]

Ame-**o** que é teu irmão. [Adequado]

2. Você chamou **eu** ao teu encontro? [Inadequado]

Você **me** chamou ao teu encontro? [Adequado]

...[me: pronome oblíquo átono = sem preposição]

Você chamou **a mim** ao teu encontro? [Adequado]

...[a mim: pronome oblíquo tônico = com preposição]

Do ponto de vista da *sintaxe*, **objeto indireto** é o termo que completa o sentido de um *verbo transitivo indireto* e vem **sempre** acompanhado de preposição. Do ponto de vista da *semântica*, o objeto indireto é o ser **ao qual se destina** a ação verbal.

O objeto indireto pode ser formado por substantivo, ou pronome substantivo, ou numeral, ou ainda, uma *oração substantiva objetiva indireta*. Em qualquer um desses casos, o traço mais importante e característico do objeto indireto é a **presença da preposição**.

Exemplo:

1. A cigana pedia dinheiro **a moça**. [Inadequado]

A cigana pedia dinheiro **à moça**. [Adequado]

...[pedia = verbo transitivo direto e indireto]

...[dinheiro = objeto direto]

...[à moça = destinatário da ação verbal = objeto indireto]

O objeto indireto **pode ser representado** por um pronome. Como o núcleo do objeto é sempre um nome, é possível substituí-lo por um pronome. Nesse caso, um pronome oblíquo, já que se trata de uma posição de *complemento verbal* e não de sujeito da oração. O único pronome que representa o objeto indireto é o pronome oblíquo átono **lhe(s)** – pronome de terceira pessoa. Os pronomes indicativos das demais pessoas verbais são **sempre** acompanhados de preposição.

Exemplos:

1. Ela contava **a seu pai** como fora o seu dia na escola.
2. Ela **lhe** contava como fora o seu dia na escola.
3. Todos dariam **ao padre** a palavra final.
4. Todos dar-**lhe**-iam a palavra final.
5. Responderam **a Fátima** com delicadeza.
6. Responderam **a mim** com delicadeza.

Não é difícil confundir objeto indireto e adjunto adverbial, pois ambos os termos são construídos com preposição. Uma regra prática para se determinar o objeto indireto e até mesmo o identificar na oração é indagar ao verbo se ele necessita de algum complemento preposicionado. Esse complemento será:

1) **Adjunto adverbial**, se estiver expressando um **significado adicional**, como lugar, tempo, companhia, modo e etc.

2) **Objeto indireto**, se estiver apenas **completando o sentido** do verbo, sem acrescentar outra idéia à oração.

Exemplos:

1. Ele sabia a lição **de cor**. [Adjunto adverbial "de modo"]
2. Ele se encarregou **do formulário**. [Objeto indireto]

Predicativo do Objeto

É o termo ou expressão que complementa o objeto direto ou o objeto indireto, conferindo-lhe um atributo.

O predicativo do objeto apresenta duas características básicas:

- acompanha o *verbo de ligação* **implícito**;
- pertence ao predicado verbo-nominal.

A formação do predicativo do objeto é feita através de um substantivo ou um adjetivo.

Exemplos:

1. O vilarejo finalmente elegeu Otaviano **prefeito**.

...[objeto: *Otaviano*]

...[predicativo: substantivo]

2. Os policiais pediam calma **absoluta**.

...[objeto: calma]

...[predicativo: adjetivo]

3. Todos julgavam-no **culpado**.

...[objeto: no]

...[predicativo: adjetivo]

Alguns gramáticos admitem o predicativo do objeto em orações com *verbos transitivos indiretos* tais como *crer, estimar, julgar, nomear, eleger*. Em geral, porém, a ocorrência do predicativo do objeto em objetos indiretos se dá somente com o verbo *chamar*, com sentido de "atribuir um nome a".

Exemplo:

1. Chamavam-lhe **falsário**, sem notar-lhe suas verdades.

Agente da Passiva

É o termo da oração que **complementa o sentido** de um verbo na voz passiva, indicando-lhe o *ser que praticou a ação verbal*.

A característica fundamental do **agente da passiva** é, pois, o fato de somente existir se a oração estiver na voz passiva. Há três vozes verbais na nossa língua: a voz ativa, na qual a ênfase recai na ação verbal **praticada** pelo sujeito; a voz passiva, cuja ênfase é a ação verbal sofrida pelo sujeito; e a voz reflexiva, em que a ação verbal é **praticada e sofrida** pelo sujeito. Nota-se, com isso, que o papel do sujeito em relação à ação verbal está em evidência.

Na voz ativa o sujeito exerce a função de agente da ação e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz ativa, este verbo conta com outro elemento – o objeto (direto). Na voz passiva, o sujeito exerce a função de **receptor** de uma ação praticada pelo **agente da passiva**. Por consequência, é este mesmo agente da passiva que complementa o sentido do verbo neste tipo de oração, substituindo o objeto (direto).

Exemplo:

O barulho acordou toda a vizinhança. [**oração na voz ativa**]

...[*o barulho*: sujeito]

...[acordou: verbo transitivo direto = pede um complemento verbal]

...[*toda a vizinhança*: ser para o qual se dirigiu a ação verbal = objeto direto]

Toda a vizinhança foi acordada **pelo barulho**. [**oração na voz passiva**]

...[*toda a vizinhança*: sujeito]

...[*foi*: verbo auxiliar / acordada: verbo principal no particípio]

...[*pelo barulho*: ser que praticou a ação = agente da passiva]

O agente da passiva é um complemento exigido **somente** por verbos transitivos diretos (aqueles que pedem um complemento sem preposição). Esse tipo de verbo, em geral, indica uma ação (em oposição aos verbos que exprimem estado ou processo) que, do ponto de vista do significado, é complementada pelo auxílio de outro termo que é o seu objeto (em oposição aos verbos que não pedem complemento: os verbos intransitivos). Como vimos, na voz passiva o complemento do verbo transitivo direto é o *agente da passiva*; já na voz ativa esse complemento é o *objeto direto*. Nas orações com verbos intransitivos, então, **não existe** agente da passiva, porque não há como construir sentenças na voz passiva com verbos intransitivos.

Observe:

1. Karina **socorreu** os feridos.

...[verbo transitivo direto na voz ativa]

2. Os feridos foram **socorridos** por Karina

...[verbo transitivo direto na voz passiva]

3. Karina **gritou**.

...[verbo intransitivo na voz ativa]

4. Karina foi **gritada**. (sentença inaceitável na língua)

...[verbo intransitivo na voz passiva]

**Os feridos*: objeto direto em (1) e sujeito em (2)

Karina: sujeito em (1) e agente da passiva em (2)

A oração na voz passiva pode ser formada através do recurso de um verbo auxiliar (*ser*, *estar*). Nas construções com verbo auxiliar, costuma-se explicitar o agente da passiva, apesar de ser este um termo de presença **facultativa** na oração. Em orações cujo verbo está na terceira pessoa do plural, é muito comum ocultar-se o agente da passiva. Isso se justifica pelo fato de que, nessas situações, o sujeito pode ser indeterminado na voz ativa. Porém mesmo nesses casos, a ausência do agente é fruto da liberdade do falante.

Exemplos:

1. Os visitantes do zoológico foram atacados **pelos bichos**.

...[*foram*: verbo auxiliar / passado do verbo "ser"]

...[*pelos bichos*: agente da passiva]

2. Nossas reivindicações são simplesmente ignoradas.

...[*são*: verbo auxiliar / presente do verbo "ser"]

...[agente da passiva: ausente]

3. Cercaram a cidade. [**voz ativa com sujeito indeterminado**]

A cidade está cercada.

...[*está*: verbo auxiliar / presente do verbo "estar"]

...[agente da passiva: ausente]

A cidade está cercada **pelos inimigos**.

...[*pelos inimigos*: agente da passiva]

O agente da passiva é mais comumente introduzido pela preposição *por* (e suas variantes: *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*). É possível, no entanto, encontrar construções em que o agente da passiva é introduzido pelas preposições *de* ou *a*.

Exemplos:

1. O hino será executado **pela orquestra sinfônica**.

...[*pela orquestra sinfônica*: agente da passiva]

2. O jantar foi regado **a champanhe**.

...[*a champanhe*: agente da passiva]

3. A sala está cheia **de gente**.

...[*de gente*: agente da passiva]

Adjunto Adnominal

É a palavra ou expressão que acompanha um ou mais nomes conferindo-lhe um **atributo**. Trata-se, portanto, de um termo de valor adjetivo que modificará o nome a que se refere.

Assista aula multimídia sobre Adjunto Adnominal.

Os adjuntos adnominais **não** determinam ou especificam o nome, tal qual os determinantes. Ao invés disso, eles conferem uma nova informação ao nome e por isso são chamados de modificadores.

Além disso, os adjuntos adnominais **não** interferem na compreensão do enunciado. Por esse motivo, eles pertencem aos chamados termos acessórios da oração.

Os adjuntos adnominais podem ser formados por artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, numeral e oração adjetiva.

Exemplos:

1. **Nosso velho** mestre sempre nos voltava à mente.

...[*nosso*: pronome adjetivo]

...[*velho*: adjetivo]

2. Todos querem saber a música **que cantarei na apresentação.**

...[a: artigo]

...[que cantarei na apresentação: oração adjetiva]

Aposto

Intervalo que explica expressão ou palavra.

Adjunto adverbial

Toda palavra (ou expressão) pertence à classe gramatical dos advérbios tem, na oração, a função sintática de adjunto adverbial.

Exemplo:

As sugestões foram recolhidas rapidamente.

Vocativo

Apesar do nome deste conceito de análise sintática, o **vocativo** é um termo isolado da oração que faz parte do seu dia-a-dia. Veja o que é e saiba como identificá-lo.

"Ó de casa, posso entrar?"

Você já deve ter ouvido essa expressão curiosa e indiscreta. Pois bem, a expressão "ó de casa" no exemplo acima é um *vocativo*.

Vocativo é a expressão que indica um apelo. Usando um vocativo podemos invocar, no discurso direto, um interlocutor. É por isso que o uso do vocativo marca a existência de um diálogo, real ou imaginário.

Podemos ver vários exemplos de vocativos usando a interjeição ó.

6. Pontuação

Para que servem os sinais de pontuação? No geral, para representarem pausas na fala, nos casos do ponto, vírgula e ponto-e-vírgula ou entonações, nos casos do ponto de exclamação e de interrogação, por exemplo.

Além de pausa na fala e entonação na voz, os sinais de pontuação reproduzem, na escrita, nossas emoções, intenções e anseios.

Vejamos aqui alguns empregos:

1. Vírgula (,)

É usada para:

a) separar termos que possuem mesma função sintática na oração: O menino berrou, chorou, esperneou e, enfim, dormiu.

Nesta oração, a vírgula separa os verbos.

b) isolar o vocativo: Então, minha cara, não há mais o que se dizer!

c) isolar o aposto: O João, ex-integrante da comissão, veio assistir a reunião.

d) isolar termos antecipados, como: complemento ou adjunto:

1. Uma vontade indescritível de beber água, eu senti quando olhei para aquele copo suado! (antecipação de complemento verbal)

2. Nada se fez, naquele momento, para que pudéssemos sair! (antecipação de adjunto adverbial)

e) separar expressões explicativas, conjunções e conectivos: isto é, ou seja, por exemplo, além disso, pois, porém, mas, no entanto, assim, etc.

f) separar os nomes dos locais de datas: Brasília, 30 de janeiro de 2009.

g) isolar orações adjetivas explicativas: O filme, que você indicou para mim, é muito mais do que esperava.

2. Ponto final (.)

É usado ao final de frases para indicar uma pausa total:

a) Não quero dizer nada.

b) Eu amo minha família.

E em abreviaturas: Sr., a. C., Ltda., vv., num., adj., obs. .

3. Ponto-e-vírgula

É usado para:

a) separar itens enumerados:

A Matemática se divide em:

- geometria;
- álgebra;
- trigonometria;
- financeira.

b) separar um período que já se encontra dividido por vírgulas: Ele não disse nada, apenas olhou ao longe, sentou por cima da grama; queria ficar sozinho com seu cão.

4. Dois-pontos

É usado quando:

a) se vai fazer uma citação ou introduzir uma fala:

Ele respondeu: não, muito obrigado!

b) se quer indicar uma enumeração:

Quero lhe dizer algumas coisas: não converse com pessoas estranhas, não brigue com seus colegas, não responda a professora.

5. Aspas

São usadas para indicar:

a) citação de alguém: “A ordem para fechar a prisão de Guantánamo mostra um início firme. Ainda na edição, os 25 anos do MST e o bloqueio de 2 bilhões de dólares do Opportunity no exterior” (Carta Capital on-line, 30/01/09)

b) expressões estrangeiras, neologismos, gírias: Nada pode com a propaganda de “outdoor”.

6. Reticências

São usadas para indicar supressão de um trecho, interrupção ou dar idéia de continuidade ao que se estava falando:

a) (...) Onde está ela, Amor, a nossa casa,
O bem que neste mundo mais invejo?
O brando ninho aonde o nosso beijo
Será mais puro e doce que uma asa? (...)

b) E então, veio um sentimento de alegria, paz, felicidade...

c) Eu gostei da nova casa, mas do quintal...

7. Parênteses

São usados quando se quer explicar melhor algo que foi dito ou para fazer simples indicações.

Ele comeu, e almoçou, e dormiu, e depois saiu. (o e aparece repetido e, por isso, usa-se vírgulas).

8. Emprego do sinal indicativo de crase.

A crase surge quando uma preposição "a" se une a um artigo definido feminino "a".

Por exemplo: o verbo "ir" exige a preposição a (quem vai vai sempre a algum lugar). Se, logo a seguir, vier um substantivo precedido de um adjetivo masculino, como "o banco", temos: "Eu vou a + o banco", ou "Eu vou ao banco". Porém, se o substantivo for feminino, como "a praça", temos: "Eu vou a + a praça", ou "Eu vou aa praça". Sempre que ocorre "aa", transformamos essa partícula em "à".

Na grande maioria dos casos, quem está escrevendo pode tirar a dúvida sobre o uso da crase substituindo a palavra após o "a" em questão por uma palavra masculina.

Assim, se eu não sei se "Esse objeto pertence a(à) loja" leva crase, devo apenas substituir "loja" por uma palavra masculina, como: "Esse objeto pertence ao museu". Se temos "ao", isso significa que há uma preposição "a" mais um artigo masculino "o". Logo, no feminino, temos a mesma preposição "a" com um artigo "a". Portanto, essa frase leva crase.

Dáí podemos concluir algumas regras básicas:

- quase nunca há crase antes de uma palavra que não seja um substantivo (exceto quando especificado nos casos especiais, abaixo)
- nunca há crase antes de uma palavra masculina

Existem ainda alguns casos especiais.

- Os pronomes demonstrativos "aquele(s)", "aquela(s)" e "aquilo" podem levar crase se são precedidos de preposição. Assim, tanto "Vou devolver o objeto àquela loja" quanto "Vou devolver o objeto àquele museu" levam crase, já que a preposição exigida por "devolver" (quem devolve devolve alguma coisa a alguém) se une à letra a inicial de "aquele(s)", "aquela(s)" ou "aquilo".
- Se, em vez de um artigo definido "a" forem utilizados artigos indefinidos ("um", "uma", "uns", "umas") ou pronomes ("esse", "essa", "este", "esta" e seus plurais), não acontece a junção das partículas que formam a crase, já que os artigos indefinidos ou pronomes substituem o artigo definido, logo não há crase. É o caso de "Ele foi a essa loja", "Os objetos pertencem a uma moradora", etc.

- Da mesma forma, se a preposição empregada não for "a", também não existirá crase. Por exemplo: "Ela foi para a loja".
- Com relação a nomes próprios, faça a sua própria escolha quanto a utilizar ou não o artigo definido antes deles. No caso de pessoas, o uso do artigo representa um registro mais coloquial, enquanto a omissão do artigo dá um tom mais formal. Por exemplo: "Fomos à casa da Cláudia / do Pedro", "Devolvi a bolsa à Fernanda / ao Felipe" (menos coloquial) ou "Voltamos da casa de João / de Lucia", "Devolvi o casaco a Ana / a Gustavo" (mais formal). Com respeito a instituições, o uso mais tradicional é utilizar o artigo definido.
- Pode ocorrer o uso da crase antes de adjetivos que antecedem ao substantivo. No entanto, o artigo continua se referindo ao substantivo (nesses casos, o adjetivo poderia inclusive ser retirado sem que o sentido da frase seja alterado). Por exemplo: "Fiz uma visita à enorme biblioteca". "Enorme" não é um substantivo, mas o artigo está diretamente relacionado com o substantivo, e não com o adjetivo. A prova disto é que o "truque" de trocar o substantivo por uma palavra masculina continua valendo: "Fiz uma visita ao novo hospital".
- Horas levam sempre crase (às 10 horas).
- Medidas de distância não levam crase (daqui a 100 metros).
- Fazer algo à Fulano (por exemplo, uma receita culinária) leva crase. Na verdade, essa expressão corresponde a "à moda de Fulano".

IMPORTANTE: Atenção ao fazer o "truque" de mudar a palavra após a crase para o masculino. Mantenha sempre em mente, bem identificados, as preposições, os artigos e os pronomes, pois nem sempre o problema será resolvido apenas com a mudança de gênero. Por exemplo:

- Pode ocorrer de o "a" em questão continuar sendo "a", não mudar nem para "ao" nem para "o". Isso significa que o "a" é preposição, mas não há artigo. Por exemplo: "Ele se dedica a atividades comerciais". Se trocarmos "atividades" por uma palavra masculina - "Ele se dedica a produtos comerciais" -, vemos que esse "a" é o pronome exigido pelo verbo "dedicar(-se)", mas que não há qualquer artigo antes de "atividades" ou "produtos". Nesse caso, obviamente, não há crase.
- De forma semelhante, pode ocorrer de o "a" mudar para "o". Isso significa que há apenas um artigo antes da palavra em questão, mas não uma preposição após o verbo. Por exemplo: "Ele devolveu a mercadoria que encontrou". Trocando "mercadoria" por uma palavra masculina, teríamos "Ele devolveu o objeto que encontrou".

Finalmente, atenção! Não confunda o a, com ou sem crase, com há, do verbo haver, como em "Ele se mudou há dez anos".

TESTE:

1. - Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis.




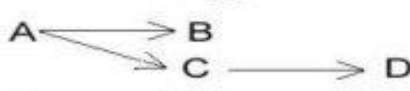
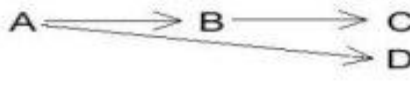
A = Descumprir a lei

B = gera o risco

C = da punição prevista pelo Código Penal

D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões lingüísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

- a) 
- b) 
- c) 
- d) 
- e) 

2. “Como ontem estivesse chovendo, tive a infeliz idéia, ao sair à rua, de calçar velho par de galochas.”

- a) adverbial causal – adverbial temporal – substantiva completiva nominal.
b) Adverbial comparativa – adverbial temporal – subst. objetiva direta.
c) Adverbial causal – adverbial condicional – subst. objetiva indireta.
d) Adverbial consecutiva – adverbial temporal – substantiva completiva nominal.
e) Adverbial comparativa – adverbial condicional – subst. completiva nominal.

1. Leia atentamente o fragmento abaixo:

“(...) A liberdade identificou-se com a idéia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.” [Polícia Federal 2000]

Proposição: Se fosse suprimida a vírgula que antecede a oração grifada, seria mantida correta a pontuação e não haveria alteração da estrutura sintática do período. V - F

Leia o seguinte texto para responder a questão 04.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes à qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

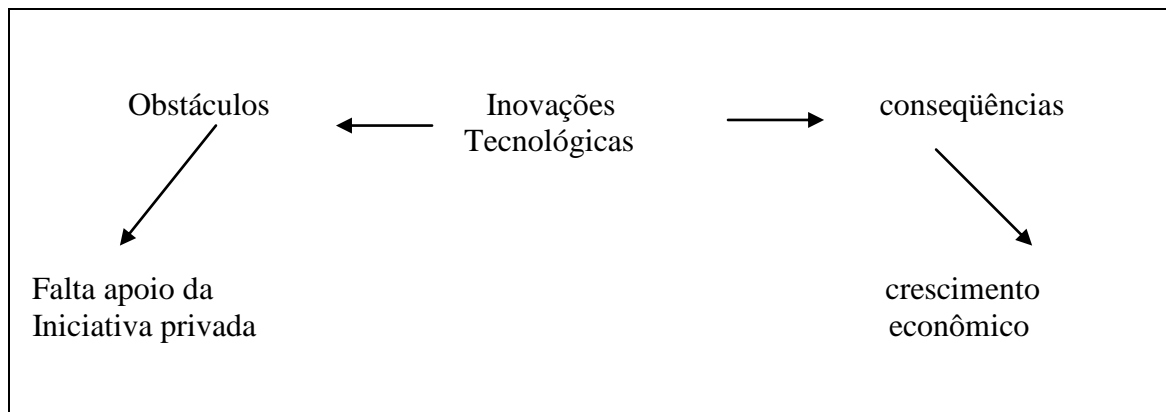
(Roseli Fischmann, Correio Braziliense, 26.08.2002, com adaptações)

04. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às idéias expressas pelos seguintes conectivos:

- a) X e Y mas W e Z
- b) X porque Y porém W logo Z
- c) X mas Y e W porque Z
- d) Não só X mas também Y porque W e Z
- e) Tanto X como Y e W embora Z

Leia o gráfico que segue para responder a questão 05.





05. Assinale a opção que, em apenas um período sintático, dá redação textualmente coerente e gramaticalmente correta ao desenvolvimento e à relação de idéias sintetizadas no esquema acima, adaptado de Istoé, 19/9/2001, p. 94.

- a) A falta de dinheiro para pesquisas, decorrente da falta de apoio por parte da iniciativa privada, tem como obstáculo que as inovações tecnológicas decorrentes da maior produtividade das empresas se acresce ao crescimento econômico.
- b) Investir em inovações tecnológicas traz maior produtividade às empresas e acarreta crescimento econômico; no entanto, falta dinheiro para pesquisas e o apoio da iniciativa privada ainda não é suficiente.
- c) Sem dinheiro para pesquisas, no tanto, a falta de apoio à iniciativa privada tem por obstáculos que as inovações tecnológicas são consequência do aumento da produtividade das empresas e do crescimento econômico.
- d) Apesar da falta de dinheiro e da carência de apoio da iniciativa privada, os obstáculos são superáveis. Inovações tecnológicas têm como consequência crescimento econômico e – é claro – aumento da produtividade das empresas.
- e) Inovações tecnológicas provocam crescimento econômico como consequência do aumento da produtividade das empresas. Os obstáculos, no entanto, vêm da iniciativa privada, que não têm verba.

GABARITO DO TESTE:

1) A 2) A 3) Falso 4) A 5) B

8 Pontuação.

É o conjunto de sinais gráficos que indicam na escrita as pausas da linguagem oral

Vírgula (,)
Pré-requisitos para o estudo da vírgula

Dizemos que os termos de uma oração estão em Ordem Direta quando eles se dispõem na seguinte progressão:

Sujeito ** verbo ** complemento do verbo ** adjunto adverbial.

Dizemos que há Ordem Indireta sempre que a progressão acima for alterada. Se, por exemplo, colocarmos o adjunto adverbial antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, teremos um caso de ordem indireta.

Como se pode ver pelos exemplos acima, nem sempre os termos da oração ocorrem dispostos em ordem direta:

- há inversões;

- há intercalações;

- pode haver omissão escrita, comumente esses fenômenos são marcados por vírgulas.

É preciso não incorrer numa pressuposição enganosa: que toda a pausa na língua oral corresponde a uma vírgula na escrita. Se assim fosse, para o uso da vírgula, poderíamos confiar cegamente na intuição e não precisaríamos estudar regra alguma.

É verdade que muitas pausas da língua oral correspondem a vírgula na escrita, mas a implicação não é necessária, sobretudo porque:

- a língua oral é mais livre de convenções e mais sujeita à individualidade do falante.

- a língua escrita é mais conservadora e mais apegada a usos adquiridos ao longo de uma tradição.

Disso decorre que:

a) pode haver pausas na língua oral que não são marcadas por vírgula na escrita

Note que entre o sujeito e o predicado não se usa vírgula, embora, na fala, possa haver uma pausa, sobretudo quando o sujeito tem alguma extensão.

b) pode haver vírgulas na escrita que não correspondem a pausa na língua oral.

Uso da vírgula entre os termos da oração

Casos em que não se usa a vírgula:

1) Entre sujeito e predicado:

Ex: Todos os componentes da mesa recusaram a proposta.

2) Entre o verbo e seus complementos:

Ex: O trabalho custou sacrifício aos realizadores.

3) Entre o nome e o complemento nominal e adjunto adnominal:

Ex: A intrigante resposta do mestre ao aluno despertou reações.

Casos em que se usa vírgula Para marcar intervalação

1) Do adjunto adverbial:

Ex.: Ele, com razão, sustenta opinião contrária.

2) Da conjunção:

Ex.: Não há, portanto, nenhum risco no negócio.

3) Das expressões explicativas ou corretivas:

Ex.: Todos se omitiram, isto é, colaboraram com os adversários.

Para marcar inversões

4) Do adjunto adverbial (no início da oração):

Ex.: Por cautela, deixamos um depósito.

Obs.: no caso pode-se omitir a vírgula, a menos que o adjunto adverbial tenha certa extensão.

5) Do complemento pleonástico antecipado ao verbo:

Ex.: Casos mais importantes, já os apresentei.

6) Do nome de lugar antecipado à data:

Ex.: São Carlos, 10 de setembro de 1988.

7) Para separar termos coordenados (em enumeração):

Ex.: O livro estava sujo, rasgado, imprestável.

8) Para marcar elipse do verbo:

Ex.: Nós trabalhamos com fatos; vocês, com hipóteses.

Para isolar

9) O vocativo:

Ex.: Não demores tanto, meu filho.

10) O aposto:

Ex.: O tempo, nosso inimigo, foge rápido.

Uso da vírgula entre as orações do período

11) Subordinadas Substantivas:

Não se separam da oração principal através de vírgula. Faz exceção a substantiva apositiva, que se separa por dois pontos ou por vírgula.

12) Subordinadas Adjetivas:

- A adjetiva não se separa da principal através de vírgula.

obs.: pode ocorrer vírgula depois da oração subordinada adjetiva restritiva sobretudo se ela tem certa extensão ou se termina por um verbo contínuo ao da oração seguinte.

- A adjetiva explicativa vem sempre isolada entre vírgulas.

13) Subordinadas adverbiais:

Sempre é correto o uso da vírgula entre as subordinadas adverbiais e a oração principal.

Ex.: Ainda que a situação tenha sido adversa, conseguimos bom resultado.

14) Orações Coordenadas Assindéticas:

Separam-se por vírgula entre si.

15) Orações Coordenadas Sindéticas:

As coordenadas sindéticas, exceto as aditivas iniciadas por e, separam-se por vírgula. Ex.:

Obs.: As coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção e podem separar-se por vírgula nos seguintes casos:

- Se os sujeitos forem diferentes.
- Se o e vier repetido várias vezes a título de ênfase. Ex.: E falou, e pediu, e insistiu.

16) Orações Intercaladas:

Separam-se por vírgulas.

Obs.: A oração intercalada pode vir também separada pelo duplo travessão e por parênteses.

ponto Final (.)

1) nas abreviaturas:

Sr. (senhor), d.c. (depois de Cristo), pág. (página);

2) no final de um período:

Mestre João morava no mar.

Ponto e vírgula (;)

O ponto e vírgula é um sinal de pontuação usado para indicar uma pausa maior que a vírgula e emprega-se:

1) para separar as partes de um período:

"Os olhos negros e inquietos pareciam garotos travessos em hora de recreio; os braços gesticulavam a cada palavra; e o corpo torcia-se pelos bancos e pelas carteiras da sala..." (Viriato Corrêa)

2) para separar os itens de uma lei, de um decreto, de uma seqüência:

"A história da ortografia portuguesa pode dividir-se em três períodos:

- a) o fonético, que coincide com a fase arcaica da Língua, vai até o século XVI;
- b) o pseudo-etimológico, inaugurado no Renascimento, estende-se até os primeiros anos do século XX;
- c) o histórico-científico, que se inicia com a adoção da chamada "nova ortografia", começa em 1911."

(Rocha Lima)

Dois pontos (:)

Os dois pontos indicam uma acentuada suspensão da voz na frase e emprega-se:

- 1) Para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção:

Ouvindo passos no corredor, abaixei a voz: - olha, menino cuidado.

- 2) Antes de uma citação:

Repetia as palavras do pai: o mundo, sem a selva, será triste e mau.

- 3) Antes de certos apostos, principalmente nas enumerações:

Tudo ameaçava as plantações: vento, enchentes, geadas, bichos.

- 4) Antes de orações apositivas:

A verdadeira causa das guerras é esta: os homens se esquecem de Deus.

- 5) Para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse:

Guardo o mundo na mão: não sei se sou feliz.

Ponto de exclamação (!)

O ponto de exclamação indica estado emocional:

Coitado do papai!

Dizem que é tão perigoso!

Travessão (-)

É um traço grande usado:

- 1) Nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor, ou simplesmente, início de fala de um personagem:

- Você é daqui mesmo? perguntei.

- 2) Para separar expressões ou frases explicativas ou apositivas:

Berço de um mundo novo - o promontório dorme.

- 3) Para isolar palavras ou orações para as quais se deseja chamar a atenção do leitor:

Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante.

4) Para ligar palavras em cadeia de um itinerário:

A via férrea São Paulo - Sorocaba.

Aspas (" ")

As aspas são empregadas para chamar a atenção... São usadas para:

1) Assinalar transcrições:

"Caminhavam dois burros, um com carga de açúcar, outro com carga de esponjas". "(Monteiro Lobato)

2) Pôr palavras em evidências:

O rapaz "caiu das nuvens" ao saber o que acontecera.

3) Assinalar palavras estrangeiras, termos de gíria, títulos de obras literárias ou artísticas, jornais, enfim, tudo que merece um destaque:

"Le Cid", de Corneille, é para mim um lembrança...

O "Liberdade" nunca foi o que ora se chama uma folha "amarela".

Colchetes ([])

Os colchetes têm a mesma finalidade que os parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho científico ou religioso:

Cada um colhe [conforme semeia].

Asterisco (*)

palavra que significa estrelinha, é usado:

1) Para remeter uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo.

2) no lugar de um nome próprio que não se quer declinar:

o Dr.*, o jornal***.

Parágrafo (§)

Este sinal gráfico é empregado, em geral, para indicar um item de um texto ou artigo de lei.

Chave ({ }) ou chaves ({ })

A chave é muito usada para dividir um assunto.

As chaves são muito empregadas em matemática.

Barra (/)

A barra é muito empregada em abreviações das datas e em algumas abreviaturas.

Questões

01 Dê o plural de: o pé-de-moleque ; a couve-flor ; o curto-circuito ; o guarda-civil

- A) os pés-de-moleque; as couves-flores; os curtos-circuitos; os guardas-civis
- B) os pés-de-moleques; as couves-flor; os curtos-circuitos; os guardas-civis
- C) os pés-de-moleque; as couve-flores; os curto-circuitos; os guarda-civis
- D) os pés-de-moleque; as couve-flor; os curto-circuitos; os guardas-civil
- E) os pés-de-moleques; as couve-flores; os curtos-circuito; os guarda-civis

02 Identifique a alternativa cujos substantivos flexionam o gênero de uma mesma maneira:

- A) pianista ; testemunha ; dentista
- B) pessoa ; artista ; jacaré
- C) mártir ; criança ; cientista
- D) cobra ; peixe ; onça
- E) cônjuge ; vítima ; cliente

03 Que frase não apresenta concordância nominal?

- A) Escolheram má hora e lugar para a manifestação.
- B) A criança vestia uma blusa verde-clara.
- C) Estou quites com meus compromissos.
- D) Seguem anexos os bilhetes aéreos.
- E) A justiça declarou culpados o réu e a ré.

04 Qual a alternativa cuja concordância nominal está correta?

- A) Nem uma nem outra maneiras me agradam.
- B) Há uma e outra frutas podres.
- C) Guardou bastante moedas de prata.
- D) Cerveja é boa para a saúde.
- E) Não apareceu no terceiro e no quarto dia.

05 Encontre a alternativa que apresenta erro de concordância do verbo SER:

- A) Da cidade à ilha é uma hora e quarenta minutos.
- B) Amanhã devem ser dez de maio.
- C) Isso são águas passadas.
- D) Dois mais dois é quatro.
- E) Era uma vez oito princesas.

06 Ache a alternativa que se completa corretamente com apenas uma das formas verbais entre parênteses:

- A) Uma porção de folhas (sumiu / sumiram).
- B) A maior parte dos carros (eram brancos / era branca).
- C) Mais de um carro (enguiçou / enguiçaram).
- D) 50% da turma (é incapaz / são incapazes) de pensar.
- E) Quando apareceu, (era / eram) perto de sete horas.

07 Marque onde há erro na regência do verbo:

- A) Ele chegou na cidade ontem à noite.
- B) Eu o vi ontem, no cinema.
- C) Obedeça às minhas ordens.
- D) Informei os amigos sobre a carta.
- E) Paga o que deve aos teus funcionários.

08 Que frase apresenta erro na regência nominal?

- A) Ninguém está imune a influências.
- B) Ela já está apta para dirigir.
- C) Tinha muita consideração por seus pais.
- D) Ele revela muita inclinação com as artes.
- E) Era suspeito de ter assaltado a loja.

09 Indique a frase que não se completa corretamente com a:

- A) Fique atento ___ essas explicações.
- B) Vizinho ___ nós moravam portugueses.
- C) Resido ___ Rua do Ouro.
- D) Ela tem horror ___ certos animais.
- E) Ele ficou insensível ___ nossos apelos.

10 Ache a frase onde o sinal indicador da crase foi usado inadequadamente:

- A) Ela acedeu à reclamação da mãe.
- B) Todos aspiram às delícias do paraíso.
- C) Eles chegaram à cidade de Olinda.
- D) Quero muito à crianças e velhos.
- E) Respondam às cartas que chagaram.

11 Assinale a alternativa onde ocorre erro de pontuação.

- A) () Os pássaros, sempre, voltam para os ninhos.
- B) Na semana passada, os meninos deixaram seus brinquedos no parque.
- C) Se não estivesse chovendo, teria ido ao cinema.
- D) Manoel, o padeiro, quebrou a perna e não veio hoje.
- E) São Paulo, 20 de novembro de 1999.

12 Na frase Quem deseja sua ajuda em semelhante situação ?, as palavras destacadas são, respectivamente, pronomes:

- A) interrogativo - possessivo - demonstrativo
- B) indefinido - possessivo - demonstrativo
- C) indefinido - relativo - oblíquo
- D) indefinido - possessivo - relativo
- E) interrogativo - possessivo - indefinido

13 Indique a única alternativa que apresenta erro na acentuação gráfica em uma das palavras.

- A) mártir - freguês - pólen
- B) calvície - têxteis - ânsia
- C) incrível - tênue - cárie
- D) sêmen - armazém - ítem
- E) vírus - órfão - vácuo

14 Assinale a alternativa onde o verbo pôr está conjugado na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do modo indicativo.

- A) pomos.
- B) púnhamos
- C) pusemos
- D) ponhamos
- E) pusermos

15 Na frase Este é o perfume de que mais gosto, a palavra que é classificada morfologicamente como:

- A) substantivo
- B) advérbio
- C) pronome relativo
- D) preposição
- E) conjunção subordinada

16 O plural do substantivo composto está incorreto na alternativa:

- A) o leva-e-traz - os leva-e-traz
- B) a manga-rosa - as mangas-rosa
- C) o beija-flor - os beija-flores
- D) o guarda florestal - os guarda-florestais
- E) o primeiro-ministro - os primeiros-ministros

17 Ocorre erro de concordância nominal na alternativa:

- A) No livro de registros faltava a folha duzentos.
- B) É necessária segurança para se viver bem.
- C) A janela estava meio aberta.
- D) Eu e você estamos quites.
- E) Os policiais estavam alerta.

18 Assinale a frase que apresenta erro de ortografia.

- A) A feijoada foi preparada na tigela de barro.
- B) O cliente deu uma boa gorjeta ao garçom.
- C) Laura não gosta de licor de jenipapo.
- D) Fizeram uma delicioso prato com beringela.
- E) Aceitamos sua sugestão.

19 Na frase A loja ficou repleta de clientes, o termo destacado é:

- A) objeto direto
- B) agente da passiva
- C) complemento nominal
- D) objeto indireto
- E) complemento verbal

20 Em qual das alternativas abaixo ambas as palavras apresentam 8 letras e 6 fonemas ?

- A) gasolina - cochicho
- B) passarela - passeata
- C) assessor - guitarra
- D) salsicha - caridade
- E) bochecha - oclusiva

GABARITO

- 1 – A
- 2 – D
- 3 – C
- 4 – E
- 5 – D
- 6 – C
- 7 – A
- 8 – D
- 9 – C
- 10 – D
- 11 – A
- 12 – A
- 13 – D
- 14 – B
- 15 – C
- 16 – D
- 17 – B
- 18 – D
- 19 – C
- 20 – C

TEXTO – EMPRESAS ACOMPANHAM O RESTO DA SOCIEDADE

Toni Marques

À medida que a cultura pop divulga bem-sucedidos personagens que são tatuados – atletas, cantores, modelos e atores – maior é a chance de as sociedades ocidentais passarem a aceitar a tatuagem como um adorno tão corriqueiro quanto brincos em orelhas furadas.

Com elas, as orelhas, aconteceu o mesmo. Houve tempo e lugar em que mulher de orelha furada não era digna da atenção das pessoas de bem, dada a relação que tais pessoas estabeleciam entre a mulher e indígenas diversos. Foi assim na Grã-Bretanha, onde tatuagem, desde o século XIX, é símbolo de orgulho imperial, patriótico e religioso. Até a década de 50, lá ainda se discutia se mulher podia ou não furar a orelha, muito embora o povo soubesse que o rei Eduardo VII foi tatuado, assim como seus dois filhos, um deles também monarca.

A aceitação da tatuagem nas classes médias do Ocidente se deu a partir do movimento hippie. [...] O mundo corporativo tende a acompanhar o resto da sociedade nessa matéria. Afinal, a estrelinha que Giselle Bundchen tem no pulso não a impediu de se tornar a maior modelo do mundo. Do mesmo modo, o jogador de futebol Beckham tem mais ou menos tantas tatuagens quanto tem zeros no seu salário no Real Madrid. Giselle e Beckham sabem negociar seus talentos respectivos.

21 –

Segundo o primeiro parágrafo do texto, a aceitação da tatuagem nas sociedades ocidentais:

A) é maior entre as pessoas de sucesso profissional

- B) está em estreita relação com a cultura das pessoas
- C) se relaciona com a divulgação do sucesso social de pessoas tatuadas
- D) se faz na mesma proporção em que se usam brincos nas orelhas furadas

Gabarito: C

O primeiro parágrafo do texto relaciona a aceitação das tatuagens nas sociedades ocidentais com os personagens tatuados bem sucedidos, que são divulgados pela cultura pop.

22 - A locução **à medida que** pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

- A) ainda que
- B) mesmo que
- C) contanto que
- D) à proporção que

Gabarito: D